

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIANA RIBEIRO DE SOUZA RIBAS

Amor e separação no filme “Piaf um hino ao amor”: Uma
leitura psicanalítica winnicottiana

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

MARIANA RIBEIRO DE SOUZA RIBAS

**Amor e separação no filme “Piaf um hino ao amor”: Uma
leitura psicanalítica winnicottiana**

**Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
Prof. Dr. Rosa Maria Tosta**

SÃO PAULO

2016

Agradecimentos

A finalização deste trabalho me remete ao longo processo que me aproximou à Psicologia e que, neste momento, me aproxima de tornar-me psicóloga. Gostaria portanto, de agradecer aos meus pais, por todo cuidado e carinho e pela forma como me apresentaram o mundo e a Psicologia, permitindo que hoje eu seja este sujeito único que, como nos mostrou D. W. Winnicott, sente que a vida vale a pena ser vivida e possui enorme prazer em exercer sua criatividade. Especialmente, agradeço a minha mãe, psicanalista que me inspira diariamente.

Gostaria também de agradecer a minha orientadora, pela forma atenta e cuidadosa com a qual me auxiliou durante toda a elaboração deste trabalho, desde a execução do projeto. Tendo se dedicado a me conhecer e orientar, pôde me desafiar ao exercício da criatividade. Suas contribuições foram fundamentais para o resultado que entrego hoje. Agradeço ainda, a todos os brilhantes professores que encontrei na graduação e que me introduziram, cada qual à sua maneira, à Psicanálise, me inspirando a seguir continuamente estudando.

Finalmente, agradeço a minha analista, que me ajuda a elaborar as minhas próprias experiências de amor e separação, sem o que jamais seria possível escrever sobre os temas.

RESUMO

Título: Amor e separação no filme “Piaf um hino ao amor”: Uma leitura psicanalítica winnicottiana

Autora: Mariana R. De S. Ribas

Orientadora: Prof. Dr. Rosa Maria Tosta

Ano: 2016

Este trabalho aborda, à luz da Psicanálise Winnicottiana, a relação entre a história de vida de uma pessoa, relativa especialmente às separações por ela vividas desde a primeira infância, com a construção da capacidade de amar e com a forma que esta pessoa encontra para lidar com separações e perdas amorosas na vida adulta. Foi feita uma leitura psicanalítica do filme “Piaf – um hino ao amor” (2007), baseado na vida da cantora Edith Piaf, que enfrenta em sua história diversas separações e uma perda amorosa devastadora. Para isso, utilizei o conceito de construção da capacidade de amar, apresentado por D. W. Winnicott, o qual relaciona o processo de amadurecimento emocional, iniciado na primeira infância, à possibilidade de viver relações amorosas saudáveis na vida adulta. Nesse sentido, fica explícita também a relação entre o amor materno – fundamental para a emergência do sujeito – e a construção de tal capacidade. Da mesma forma, descreve-se a relação entre o processo de amadurecimento e a capacidade de separação, observando que todos estes conceitos estão intimamente conectados. Finalmente, foi possível refletir sobre o impacto do ambiente deficitário no qual a personagem do filme vive em sua infância, na fragilidade da construção de suas capacidades emocionais, o que faz com que ela vivesse a perda amorosa de forma devastadora. Este trabalho amplia a possibilidade de compreensão do sofrimento vivido pela personagem, podendo assim, apoiar a reflexão de outros casos nos quais questões similares estejam postas.

Palavras Chave: Separação, Amor, Edith Piaf, Winnicott, Psicanálise

Sumário

Introdução.....	2
Método.....	4
Capítulo 1 - O mito Piaf.....	6
Infância e Juventude	7
O início da carreira.....	8
O nascimento de “Piaf”	9
Ressurge a cantora	11
O encontro com o Amor.....	13
Capítulo 2 – Algumas considerações sobre a teoria do amadurecimento de Winnicott.....	17
Tendência ao desenvolvimento	17
O par mãe-bebê	19
Constituição do si-mesmo e a capacidade de ficar só	22
Agressividade.....	24
Uso do objeto e Capacidade de Concernimento	26
Criatividade e Ilusão	29
Trasicionalidade	30
Capítulo 3 – Amor e Separação	35
Montagem do Amor	35
Separação	41
Piaf – um hino ao amor.....	46
Conclusão.....	55
Referências.....	57

Introdução

Presente como tema central ou coadjuvante nas mais diversas manifestações culturais humanas, o amor é sem dúvida uma das grandes questões que coloca o homem a refletir, além de uma das principais fontes de prazer e, paradoxalmente, de sofrimento.

Como não poderia deixar de ser, o amor foi amplamente estudado desde o início da constituição da Psicanálise. Assim como nos lembra Naffah Neto, na apresentação do livro “O amor em Winnicott” (2012), Freud, no princípio da construção de sua teoria, chegou a postular que toda relação do homem com o mundo que o cerca estaria pautada pela busca do prazer. Tal prazer teria sua origem nas sensações provocadas no bebê durante suas primeiras experiências de amamentação. Tais sensações não poderiam ser resumidas a satisfação fisiológica, pois trariam “‘algo a mais’ que define justamente o erótico” (p.9). Segundo o autor, para Freud, esta excitação erótica constitui o motor do prazer e do desejo humano, tendo sido chamada de sexualidade.

Naffah afirma ainda que, para Freud, “o amor, em todas as suas formas – inclusive as menos erotizadas, como a ternura – , somente poderia ser concebido como um derivado desse princípio originário, ou seja, como uma das formas de transformação da sexualidade” (p.10).

Neste ponto, Naffah (2012) nos apresenta outra forma de concepção do amor, trazida por Winnicott: “para Winnicott o amor somente poderia ser algo múltiplo e complexo, com componentes derivados de diferentes esferas da psique na sua relação com o mundo (p.10).

Lejarraga, autora do livro “O amor em Winnicott” (2012), revela as importantes contribuições do psicanalista inglês para compreensão do amor. A autora apresenta a noção de capacidade de amar trazida por Winnicott, ressaltando que a construção de tal capacidade está relacionada ao processo de amadurecimento emocional do sujeito, não estando assim, presente desde o início da vida humana, mas exigindo, para seu surgimento, importantes tarefas relativas ao amadurecimento da personalidade psíquica (mesmo que ainda em seus primórdios).

A noção de capacidade, como destaca a autora, é fundamental, já que remete a potencialidades inerentes a condição humana, que serão desenvolvidas conforme a consistência do processo de amadurecimento emocional do sujeito.

Winnicott compreende o amor como uma construção que se inicia ao nascimento do sujeito, e que é portanto ligada a primeira relação de amor mãe-bebê. Como nos apresenta Jean-Michel Quinodoz, em “A solidão domesticada: A angústia de separação em psicanálise” (1993), para

Winnicott, a capacidade de se separar também está estreitamente relacionada a esta primeira relação de amor, na qual os cuidados maternos são fundamentais.

Quinodoz nos mostra que a vivência de uma separação ou perda definitiva do objeto de amor, pode despertar angústias excessivas no sujeito, dependendo também, de acordo com Winnicott, da consistência do desenvolvimento emocional deste indivíduo.

Será então possível relacionar as vivências infantis, ligadas ao amor e à separação, a tais experiências na vida adulta? Como separações e abandonos vividos desde a primeira infância, se relacionam com o amadurecimento psíquico, com a construção da capacidade de amar e com a forma que a pessoa encontra para lidar com separações amorosas na vida adulta?

Neste trabalho, realizarei uma leitura psicanalítica do filme “Piaf – um hino ao amor” (2007). O filme, baseado na vida de Edith Piaf, retrata a tumultuada história de uma cantora francesa que desde a infância precisa lidar com importantes separações. Além de ser abandonada pela mãe, negligenciada pela avó materna e retirada dos cuidados da primeira mulher que lhe dedicou afeto materno consistente, Piaf ainda foi separada, na vida adulta, de importantes amigos.

Apesar desta trágica história, Piaf constrói uma brilhante carreira musical, tendo sido uma das cantoras mais famosas de seu país. Contudo, a protagonista sofre uma grande perda amorosa, ocasionada pela morte do homem que teria sido o maior amor de sua vida. Após essa perda, Piaf entra em sofrimento profundo e inicia uso abusivo de morfina. Daí em diante se dá um processo de deterioração de sua saúde, que acaba com seu falecimento precoce aos 47 anos.

O objetivo deste trabalho é compreender como o modo de viver a separação amorosa está relacionado à história de vida no caso de Edith Piaf, personagem do filme “Piaf – um hino ao amor” (2007). Desta forma, investigarei, a luz da Psicanálise Winnicottiana, como as separações vividas por esta personagem na infância se relacionam com sua trajetória de vida, considerando tanto a brilhante carreira por ela construída, quanto as dificuldades enfrentadas e, especialmente, o modo como ela viveu a perda de seu grande amor.

Método

Como nos apresenta Violante (2000), apesar de a condição ideal para pesquisa em Psicanálise ser o processo psicanalítico no contexto clínico, esta não é a única maneira de se realizar uma investigação psicanalítica.

A autora cita Birman para afirmar que, desde que se respeitem o critério teórico metodológico da Psicanálise, é possível que sejam feitas pesquisas em outras áreas de investigação, que não a clínica. Em suas palavras:

o campo da pesquisa psicanalítica é circunscrito: por seu objeto, que é o psíquico, isto é, o inconsciente; por seu método, que é a interpretação; pela técnica da associação livre e pelas condições de possibilidade para a emergência empírica das formações do inconsciente – o sonho, o ato falho, o chiste e o sintoma. (VIOLANTE, 2000, p.114)

Desta forma, segundo Violante, desde que o objeto de estudo escolhido pelo pesquisador possa ser abordado do ponto de vista da Psicanálise e que apenas esta teoria possa dar respostas ao problema estabelecido (ou que seja imprescindível para isso) pode-se efetivar o estudo.

Rezende (1993) aponta três possibilidades relativas ao campo de pesquisa em psicanálise: a exegese, a hermenêutica e a interpretação. Apesar de citar Bion, que afirma que toda investigação é uma interpretação, o autor diferencia estes três campos, caracterizando a exegese como a pesquisa que se faz nos livros, a hermenêutica como a pesquisa que se faz “no mundo vivido, na atitude de que pensa as próprias vivências” (p.104) e a interpretação como a pesquisa clínica, propriamente dita.

O autor apresenta a seguinte distinção entre os dois primeiros campos de pesquisa:

o exegeta fica de fora, não toma parte, não toma a palavra, como exigência da ética que preside seu trabalho. O teólogo [hermeneuta], ao contrário, só o é na medida em que entra no texto, ativamente, deixando-se envolver de verdade, como exigência de uma outra ética. O sentido do texto faz sentido para ele a tal ponto que pode acrescentar ao texto o sentido em que o entendeu (REZENDE, 1993, p.111)

A partir dos pressupostos trazidos por Rezende (1993) “de que a Psicanálise é uma ciência humana; de que as ciências humanas são simbólicas; de que o símbolo é polissêmico” (p. 106) e de que, investigar é interpretar, ao desenvolver a presente pesquisa em Psicanálise, assumirei a postura do pensador hermeneuta, trazida pelo autor.

Para a realização deste trabalho, será desenvolvido inicialmente, um capítulo de apresentação da história da personagem, a partir, especialmente, do filme – obra através da qual entrei em contato com a história de Piaf. O filme traz ao espectador um relato particular de alguns dos principais momentos vividos por esta mulher.

A vida de Piaf foi contada em diversas obras. São cerca de 50 trabalhos, contando inclusive com publicações fora da língua francesa. Destacam-se dois deles aos quais a própria Piaf contribuiu, relatando suas memórias a jornalistas, que posteriormente as transformaram em livros.

Dessa forma, selecionei também outros dois dentre estes cerca de 50 trabalhos, que servirão de apoio na construção desta apresentação: a única autobiografia traduzida para a língua portuguesa, “Piaf – No baile do acaso” (2007), por se tratar de uma obra construída a partir do discurso da própria Piaf; e a biografia “Piaf – Uma Vida” escrita por Carolyn Bruke, por trazer novas fontes que completam dados ausentes na autobiografia e auxiliam a construção temporal dos acontecimentos da vida da cantora.

Em seguida, desenvolverei dois capítulos teóricos, a partir da Psicanálise Winnicottiana: “Algumas considerações sobre a teoria do amadurecimento de Winnicott” e “Amor e Separação”. No primeiro capítulo, serão apresentados alguns conceitos da extensa obra do psicanalista inglês, que foram selecionados por serem fundamentais para a compreensão dos temas trazidos no segundo capítulo teórico. Para isso, serão utilizados predominantemente textos da obra de Winnicott, além do livro “A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott” (2014) de Elsa Oliveira Dias, fundamental para auxiliar a compreensão da evolução da teoria winnicottiana.

No capítulo “Amor e Separação”, abordarei mais especificamente estes dois temas, que são centrais neste trabalho. Em relação ao amor, utilizarei o livro “O amor em Winnicott” (2012) de Ana Lila Lejarraga que, a partir dos conceitos que serão abordados no capítulo anterior, desenvolve a ideia do “amor como montagem”, fundamental para este trabalho. Em relação ao tema da separação, além de alguns textos selecionados de Winnicott, utilizarei, especialmente, o livro “A solidão domesticada – A angústia de separação em psicanálise” (1993) de Jean-Michel Quinodoz, que auxiliará a reflexão sobre a capacidade de separação a partir de Winnicott.

Finalmente, será desenvolvido um capítulo dedicado a análise do tema proposto em relação a personagem Piaf.

Capítulo 1 - O mito Piaf

“Quando eu morrer irão ter dito tanta coisa de mim
que ninguém vai saber de fato quem fui eu.”
(PIAF, 1964 apud ROBINE, 2007, p.13)

Ao abandonar a teoria da sedução, ainda no início da construção da Psicanálise, Freud revela a importância do conceito de fantasia. Já em 1897 Freud escreve para Fliess: “não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto” (MASSON, 1986, p.265). Nesta frase, Freud apontava para o conceito de realidade psíquica (ou realidade interna) que será fundamental para a compreensão do sujeito a partir da Psicanálise. Ou seja, o autor passa a conferir à fantasia status e valor de realidade, a medida em que esta existe no inconsciente do sujeito.

Nos muitos relatos sobre a vida de Edith Piaf nota-se que toda sua biografia é recheada por fantasias que foram incorporadas por ela mesma como parte essencial de sua história. Na apresentação do livro autobiográfico de Edith - “Piaf – No baile do acaso” (2007) -, Marc Robine afirma: “como foi a própria Piaf quem confirmou a maior parte das fábulas que forjam sua mitologia, e como elas foram longamente difundidas pela imprensa sensacionalista, o trabalho dos biógrafos não é fácil” (p.11).

Robine (2007) relata um exemplo interessante, por se tratar do dia do nascimento de Edith: Piaf contava que em pleno inverno francês, ao sentir as primeiras dores do parto, sua mãe (Anita Maillard) teria saído a pé com seu marido (Louis Gassion) em direção ao hospital. Contudo, não haveria dado tempo de chegar ao local, o que teria feito com que Anita tivesse o parto realizado ainda na rua, apenas com a ajuda de dois guardas e uma enfermeira que por acaso estava na região. Já seu pai, ao sair em busca de ajuda, teria parado em diversos bares para comemorar seu nascimento, não estando presente no momento do parto.

Apesar de haver ainda hoje, na rua em questão, uma placa pública comemorativa do nascimento de Piaf, é possível conhecer outra história registrada nos arquivos de uma maternidade próxima ao local, na qual Edith de fato nasceu. Lá encontra-se o registro completo do nascimento da menina Edith Giovanna (futura Edith Piaf) em 9 de dezembro de 1915 (ROBINE, 2007, p. 15).

Robine (2007) relata que não havia por parte de Edith desejo de enganar seu público, “pelo qual sempre teve o máximo respeito, a ponto de às vezes cantar diante dele até o limite de suas forças”. Contudo, conforme as fantasias iam sendo criadas, Edith as incorporava e reproduzia com extrema convicção “como se ela estivesse convencida de que tudo aquilo era verdade” (p.10).

Neste capítulo, apresentarei uma resenha da história de Piaf, a partir, predominantemente, do filme. Não se trata, portanto, de uma tentativa de reconstrução fiel de sua história, mas de um relato sobre a personagem ilustrada nesta obra cinematográfica, contemplando inclusive as fantasias ali apresentadas.

Infância e Juventude

Desde a primeira infância, a vida de Edith foi marcada por importantes separações. Sua mãe, que sobrevivia cantando pelas ruas parisienses, não teve condições de conciliar seu trabalho com o cuidado da filha e, assim como ilustrado no filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), deixou Edith, ainda bebê, sob responsabilidade da avó materna.

Até os dois anos de idade, Edith, abandonada pela mãe e sem a presença do pai, que lutava na Guerra, tampouco contava com a atenção da avó. Alcoolista e também muito pobre, a avó de Edith falhou em oferecer-lhe até mesmo os cuidados mais básicos. Quando a menina completou dois anos, o pai voltou da guerra (apenas para um período de licença) e a encontrou com a saúde ameaçada: além de muito magra, possuía diversas feridas na pele e estava em péssimas condições de higiene.

Então, Louis tirou a menina dos cuidados da avó materna e a levou até sua própria mãe, que trabalhava como cozinheira em um bordel. Lá, Edith recuperou sua saúde, tendo sido muito bem cuidada pelas prostitutas do local, que ficaram muito felizes com sua presença. Em especial, uma das moças que trabalhava no bordel – Titine – se aproximou muito de Edith, construindo com a menina uma forte relação de cuidado que, ao que tudo indica, nunca havia se estabelecido.

É neste período que um acontecimento na vida de Edith irá marcar para sempre sua relação com a religião. Por conta de uma inflamação na córnea, é prescrito à menina medicação e o uso de uma venda nos olhos. O uso da venda se estende por meses, tempo no qual Edith foi considerada cega, se tornando preocupação de todos no bordel. É aí que uma peregrinação é organizada, a pedido de que Santa Teresinha curasse a menina.

Pouco tempo depois, Edith tira a venda e enxerga. O milagre é atribuído à Santa Teresinha, da qual Edith se tornará devota até o fim da vida. Em diversas cenas do filme, tal devoção é retratada e Edith nunca mais se separa da imagem de Santa Teresinha e, posteriormente, de uma cruz que carrega no pescoço.

Por volta dos 7 anos, o tempo de alegria vivido no bordel é tragicamente interrompido pelo pai de Edith, quando este a busca para morar consigo no circo onde irá trabalhar como acrobata.

Como retratado no filme, Titine se desespera ao descobrir que Louis está no bordel, pronto para levar Edith embora. Sem ter tempo de se despedirem, as duas choram muito em uma das cenas mais dramáticas do filme.

Logo que se acostumou com a vida no circo, a menina foi informada pelo pai que os dois partiriam. Muito contrariada, Edith foi obrigada a seguir, seu pai tinha o objetivo tentar a vida como artista de rua e recuperar sua liberdade, tão preciosa. Edith e seu pai passaram cerca de 8 anos saltando entre bares e hotéis baratos (mesmo assim, quando o dinheiro permitia), em uma vida bastante pobre e regada, desde cedo, à bebida alcoólica.

Ainda assim, muitos anos depois, Edith conta que o pai havia dado provas de seu amor por ela. Uma delas teria acontecido quando tinha cerca de 8 anos. A menina havia se encantado por uma linda “boneca de rico”. Quando seu pai se deu conta do encantamento, perguntou o preço da boneca: 5 francos. “Ele enfiou a mão no bolso da calça e contou o dinheiro que tinha: ao todo, 6 francos” (PIAF, 2007, p.71), relata Edith. No dia seguinte, sem que ela soubesse, o pai lhe comprou a boneca. Segundo Edith, ela soube naquele momento que o pai a amava.

Foi ao fim de uma das performances fracassadas do pai nas ruas, que Edith começou a cantar e seu talento foi presenciado pelo público pela primeira vez. Ao perceberem que o dinheiro arrecadado por ela era ainda melhor que por Louis, Edith passou a cantar ao fim das performances do pai, até que, aos 15 anos de idade, decidiu que era hora de buscar sua própria independência (ROBINE, 2007).

O início da carreira

“Eis que ela começa a cantar ou, melhor, que como
faz o rouxinol de abril, ela ensaia seu canto de amor”
(COCTEAU, 2007, p.23)

Ainda adolescente, Edith inicia sua carreira nas ruas de Paris. Nesta época, a jovem lutava para sobreviver entre invernos duros e públicos nem sempre receptivos. Surge então, uma importante figura em sua vida, Simone Berteaut (conhecida como Momone), uma grande amiga de Edith que a acompanhava pelas ruas da cidade (ROBINE, 2007).

Foi em um café, no subúrbio de Paris, que após uma de suas apresentações, Edith conheceu Louis Dupont, jovem de 18 anos. Logo que foram morar juntos, ela descobriu que estava grávida e, após completar 17 anos, nasceu sua filha Marcelle (BRUKE, 2011). Sem ter condições financeiras

para parar de trabalhar, Edith volta às ruas, levando consigo a filha. Apesar de seu esforço e da ajuda de Momone, a juventude e falta de experiência dificultam muito o cuidado de Marcelle.

Nesta época, os esforços de Louis para afastar Edith das ruas, dos bares e do álcool eram em vão. Um ano e meio após o nascimento da criança, como ilustrado no filme, chega o dia em que Louis encontra Edith em um bar para lhe dar a triste notícia: Marcelle estava no hospital, onde, pouco depois, faleceria com uma meningite fulminante (ROBINE, 2007). Após a morte da filha, o relacionamento de Edith e Louis, já muito abalado, terminou.

Como relata Robine (2007), nesta época Edith “se envolve com um pessoal ‘da pesada’. Não os malandros de grandes golpes, mas reles cafetões, arruaceiros detestáveis, pequenos assaltantes, ladrõezinhos de segunda...” (p.20). Ela se envolve ainda, com um homem que tenta obrigá-la a se prostituir e que a faz entregar todo dinheiro que recebe cantando nas ruas.

O nascimento de “Piaf”

“Mas num belo dia cheio de estrelas
Meu céu estará límpido, todo azul...
Adeus, céus pesados de chuva
De repente minha vida ficará toda iluminada”
“*Un Coin Tout Bleu*” – E. Piaf e M. Monnot, 1941
(PIAF, 2007, p. 27)

Em outubro de 1935, Edith fazia uma de suas apresentações em um bairro nobre de Paris, acompanhada, como sempre, de Momone, que estendia a mão, pedindo dinheiro aos que a assistiam cantar. Em suas palavras, foi com “cabelo mal penteado, sem meias, num capote furado” (PIAF, 2007) que Edith conheceu Louis Leplée, dono do Gerny’s, uma elegante boate que mudaria sua vida.

Leplée logo reconheceu seu talento e a convidou para um teste no Gerny’s. Edith (2007) conta que no dia do ocorrido decidiu que não compareceria ao teste, contudo, quando chegou a data, sem saber o motivo, mudou de ideia e foi ao encontro de Leplée. Chegou a boate com uma hora de atraso. Era a primeira vez que entrava em um local tão luxuoso, contudo, não se deixou intimidar. Conta ela: “soltei (...) todo meu repertório: muitíssimo variado e, a bem dizer, mais extravagante do que ‘consistente’. (...) Receosa no início, logo recuperei a firmeza. Afinal, o que eu tinha a perder?” (PIAF, 2007).

Com grande admiração pelo talento de Edith, Leplée a contratou, tendo, no mesmo dia, lhe imposto mudanças no repertório e no vestuário. Contudo, a grande mudança foi carregada por Edith até o fim da vida: Leplée a batizou Piaf (em francês, gíria para pardal), lhe dizendo que era “o grande pardal de Paris” (PIAF, 2007, p. 32). A partir daí, se iniciou uma importante relação de confiança, respeito e muito carinho entre o dois.

O apoio de Leplée possibilitou que Piaf fosse, aos poucos, se transformando em uma verdadeira cantora profissional. Sua afeição por ele aumentava a cada dia. Em suas palavras: “de temperamento muito independente eu não gostava de conselhos. Mas Leplée tinha por mim tamanha afeição e atenção tão especiais, que nunca lhe manifestei a mínima contrariedade; e logo chegou o momento em que, com naturalidade, passei a chama-lo de “papai” (PIAF, 2007, p. 36).

Com o tempo, apesar de ainda encontra-se com seus antigos amigos “da pesada”, Piaf mudou-se para um hotel e terminou sua relação com o homem que anteriormente a explorava. Foi no Gerny’s que Piaf conheceu importantes figuras do cenário musical francês, iniciando uma nova etapa em sua carreira, na qual sentia-se, pela primeira vez, como uma verdadeira artista. Como ilustrado no filme, o álcool (que não a abandonou durante toda a juventude) continuava muito presente na vida de Piaf e suas comemorações muitas vezes duravam a noite toda.

Desde o início, a personalidade forte de Piaf marcava a trajetória de sua carreira. Logo ela descobriu que precisaria construir um forte repertório musical e que isto não era nada fácil, especialmente para cantoras pouco ou nada famosas. Apesar de saber disso, Piaf partia em busca das canções perfeitas, verdadeiras criações que lhe tocassem a alma. A resistência e negativa dos editores em lhe ceder tais músicas lhe irritavam profundamente, mas ela contava sempre com a ajuda de Leplée, que lhe acalmava e aconselhava.

Além dos conselhos, Leplée acompanhava Piaf em suas apresentações, cada vez mais frequentes. Piaf lembre que na época em que se preparavam para ir a Cannes pela primeira vez, Laplée lhe contou, quase como uma previsão do que estava por acontecer, de um sonho horrível, no qual a falecida mãe o chamava para junto de si.

Em 6 de abril de 1936, poucos dias depois deste sonho, após uma típica noite de festa e álcool, na qual Piaf voltara para casa apenas pela manhã, ela decidira ligar para Laplée e desmarcar um passeio que haviam combinado realizar em poucas horas. Do outro lado da linha, uma voz ordenou que Piaf fosse diretamente a casa de Laplée. Foi apenas chegando lá, que ela descobriu que a voz não era de Laplée: seu “papai” havia sido assassinado.

Piaf demorou para compreender a cena que encontrou na casa de Laplée. Muitas pessoas, conhecidas e desconhecidas, ocupavam o local. Algumas lhe faziam perguntas que ela não conseguia responder.

“Os dias seguintes foram horríveis” (PIAF, 2007, p.52), conta ela. Além da tristeza pela perda que acabara de viver, Piaf teve ainda que passar por um interrogatório policial. Por conta de seus obscuros amigos do passado, Piaf teria sido considerada suspeita de cúmplice do assassinato. Sem nenhuma evidência que a ligasse ao crime, foi liberada para voltar para casa.

O tempo que seguiu a morte de Laplée não foi fácil para Piaf. Grande parte de seus amigos sumiu, tendo restado uma pequena lista deles, aos quais ela não esquece de mencionar, muitos anos depois. Apesar de não ter voltado a depor no inquérito, os rumores de seu envolvimento no crime não cessaram e a mídia não facilitou. Conta Piaf: “eu já abria os jornais com medo de descobrir mais uma infâmia sobre o amigo que perdera ou sobre mim. O que eu estava sofrendo? Ninguém se importava com isso” (PIAF, 2007, p.53).

Como retrata o filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), é nesta época também que Momone é retirada da vida de Piaf. Apanhada pela polícia, a amiga é mandada a uma “casa de meninas indisciplinadas”, o que é ilustrado em mais uma separação dramática no filme. As duas voltam a se encontrar tempos depois, e a amizade dura ainda muitos anos.

Apesar da vontade de fugir de Paris, Piaf precisava voltar a trabalhar para ganhar dinheiro. Com medo de ter que voltar às ruas, Piaf decidiu ligar para um antigo conhecido compositor, Raymond Asso, pedindo seu cuidado.

Ressurge a cantora

“Cantar é a mais bela profissão do mundo. Duvido que
haja alegria maior, mais completa, que a do artista
consciente de ter transmitido aos que o ouvem, com
alguns estribilhos, um pouco de sua riqueza pessoal”
(PIAF, 2007, p.77)

O primeiro trabalho de Asso foi devolver a confiança e a vontade de lutar à Piaf. Mostrou a ela também que seus sonhos deviam ir além dos cabarés. Rígido professor, Asso se esforçava para afastar Piaf de seus antigos hábitos e da bebida. Passou a buscar para ela novas oportunidades de apresentação, nos espaços mais conceituados da cidade. Segundo ela conta: “ele levou três anos para me curar. Três anos de afeição paciente para me ensinar que existia outro mundo além daquele

das prostitutas e cafetões. Três anos para me curar (...) da minha infância caótica” (PIAF, 1964 apud BRUKE, 2011, p.96).

Aos poucos, Piaf se recuperou e voltou a ser lembrada pela mídia, mas dessa vez, devido ao seu sucesso nos palcos, cantando as músicas de Raymond Asso. Algumas dessas músicas eram criadas para ela a partir do relato de suas próprias experiências que, com o tempo, foram confessadas ao novo mentor.

O sucesso de Piaf era cada vez maior. Novas oportunidades não paravam de surgir e, aos 24 anos, teve uma primeira peça de teatro escrita em sua homenagem, por Jean Cocteau. A peça foi estrelada por ela e aclamada pela crítica.

“Aos 25 anos Edith podia cobrar cachês tão altos que permitiriam encher quartos de hotel com flores e presentear os amigos com itens que circulavam apenas no mercado negro, como champagne, por exemplo” (BRUKE, 2011, p. 111). Como visto, seu gosto pelas comemorações extravagantes e regadas ao álcool não se alterava.

Muito diferente dos anos iniciais de sua carreira, nos quais conseguir permissão para cantar uma música era coisa rara, agora compositores a buscavam, pedindo que ela cantasse suas obras. Piaf lutava para manter sua personalidade intacta, escolhendo apenas as canções que combinavam com ela: deveriam ser originais, sinceras e trazer algo de especial em suas letras (PIAF, 2007).

Além de interprete e atriz, Piaf também escreveu suas próprias obras. Como é o caso de “La vi en rose” (1945), uma das mais famosas músicas francesas, que escreveu para que uma amiga (Marianne Michel) cantasse.

Consagrada na França, Piaf partiu em busca de palcos estrangeiros. Sua primeira viagem aos Estados Unidos marcou sua memória. Segundo ela, os americanos receberam com grande decepção a tristeza e sofrimento contido em suas músicas. “Viajei até Nova York para quebrar a cara” (PIAF, 2007, p.105), conta ela.

Duvidando de sua capacidade, Piaf estava prestes a voltar à Paris, quando um importante crítico de teatro americano dedicou-lhe a primeira página de um grande jornal, com elogios a sua performance. Depois disso, com um novo contrato em mãos e mais adaptada à cultura americana, Piaf conseguiu os primeiros aplausos em Nova York. Como conta, com o tempo, se tornou muito famosa no país, que ainda lhe recebeu inúmeras vezes.

O encontro com o Amor

“Vivi desde minha infância
Nas ruas escuras da ignorância
De repente tudo se iluminou
Meu coração começou a cantar”
C’es un gras – Charles Aznavour, 1948
(BRUKE, 2011, p. 185)

Foi nos Estados Unidos que Piaf conheceu Marcel Cerdan, homem que marcou sua vida para sempre. Lutador francês, Marcel era casado, mas vivia sozinho em Nova York. Logo no primeiro encontro, como ilustrado no filme, Edith se encantara por ele, chegando a declarar para Momone (que nesta época morava com ela no país) que ele seria o homem de sua vida. Os dois se aproximaram e iniciaram uma forte relação de amor. Marcel a admirava como brilhante cantora que era e Piaf por sua força – reconhecia nele alguém que, como ela, havia “vindo do nada e cavado um caminho até o topo sem perder sua inata modéstia” (BRUKE, 2011, p.181).

Piaf rezava por Marcel a cada luta em que ele participava. Apesar de nunca ter sido uma fã do esporte, ela chegou a acompanhar de perto Marcel no ringue, tendo declarado que, quando se tratava dele, a luta ficava linda. Por outro lado, Marcel passava tanto tempo com ela que era repreendido por seu empresário, no esforço de garantir a rotina de treinos do boxeador.

Quando separados pela distância, escreviam cartas de amor nas quais Piaf declarava saudades e seu imenso afeto por ele. Ele respondia com igual intensidade. Piaf afirmava saber do lugar e importância que a mulher e filhos de Marcel ocupavam em sua vida e declarava sofrer muito com isso, apesar de não poder deixar de ama-lo. Estava disposta ao sacrifício de tê-lo, mesmo sob aquelas circunstâncias.

Em 27 de outubro de 1949, após um período no qual os dois haviam sido obrigados a ficar afastados, Marcel ligou para Piaf, avisando que estava a caminho de Nova York. Muito feliz com a notícia, ela insistiu que ele viesse de avião, e não navio, para que os dois pudessem ter mais tempos juntos.

O filme traz uma impactante cena a respeito desta data: no dia seguinte, um pouco antes de acordar, Piaf sonha com seu amor. No sonho, Marcel havia chegado de viagem e ela, muito feliz, lhe dizia que havia comprado um belo relógio como presente. Ao ir em busca do relógio, Piaf acorda do sonho e encontra sua equipe, que lhe dá a devastadora notícia: o avião de Marcel havia

caído e ele estava morto. Atordoadada, ela chega a procurar por ele em seu quarto, sem perceber que a chegada de Marcel era apenas um sonho.

Três dias depois, Piaf declarou:

Não tenho mais nada pelo que viver. Cantar? Eu cantava para ele. Meu repertório era repleto de amor (...). E cada canção me lembra coisas que ele fez, que disse, tudo me faz lembrar dele. Pela primeira vez estava realmente feliz. Eu vivia para ele, ele era a minha razão de ser, do meu carro, das minhas roupas, da primavera, era tudo para ele. (BONINI, 2008 apud BRUKE, 2011, p.200)

Disse também: “eu tento entender, em vão. A dor piora a cada dia. Nunca pensei que pudesse desejar a morte como um alívio, uma alegria. Eu era alguém que amava a vida, e agora a odeio” (MARCHOIS, 1999 apud BRUKE, 2011, p.200).

Todos a sua volta percebiam o imenso sofrimento no qual Piaf mergulhara. Nesta época, além do luto por Marcel, ela começou a sentir dores artríticas nas articulações. “Era o primeiro ataque da doença que a perseguiria pelo resto de seus dias manifestando-se, a equipe pensava, em razão do choque da morte de Cerdan” (BRUKE, 2011, p.200).

Como retratado no filme, apesar de muito católica, nesta época, Piaf chega a buscar conforto no espiritismo, na tentativa de entrar em contato com Marcel. Durante meses, ela levava consigo em suas turnês uma mesa que utilizava para práticas espíritas, em busca de dialogar com o além.

Nos anos que seguiram, Piaf chega a se relacionar com outros homens, mas a memória de Cerdan ainda a acompanhava. “Deus era uma presença constante no cotidiano da cantora (...). Mas, apesar de ela colocar Deus em tudo, Cerdan tornara-se uma obsessão. Toda a casa a acompanhava às missas que ela mandava rezar em memória do lutador (...)” (BRUKE, 2011, p.226).

Em julho de 1951, após sair de uma de suas apresentações tarde da noite, Piaf exige ingressar em uma viagem de carro. Como ilustrado no filme, um acidente ocorrido nesta viagem a deixou internada por mais de um mês.

Nesta época, Piaf já havia confessado seu vício em morfina, prescrita a ela para aliviar as dores da artrite. Além disso, abusava das pílulas para dormir e, como sempre, do álcool. Em uma cena marcante do filme, em uma visita ao médico, com o objetivo de pedir ajuda para se livrar do vício, Piaf conta que chegava a tomar 10 injeções de morfina por dia. Ao ser questionada sobre o motivo, ela afirma que utilizava a morfina para calar seu corpo. O médico pergunta então, quando o vício teria começado e ela diz que fora há 5 anos, após a queda do avião de Cerdan.

Ainda como retratado no filme, mesmo com a saúde muito debilitada, Piaf não desiste de seguir encantado o público com suas belíssimas apresentações. Contudo, para aguentar chegar ao

fim dos espetáculos, precisava de cada vez mais apoio dos remédios. Em uma das cenas do filme, seu médico se nega a lhe dar mais morfina, afirmando que para tudo na vida havia um limite. Piaf responde, dizendo que nem seu público nem ela possuíam limite.

Em 1959 Piaf chega a interromper uma apresentação por conta do mal estar e das dores profundas. Mesmo muito mal e cercada por pessoas que lhe diziam que ela havia chegado ao limite, Piaf implora para voltar ao palco e o faz. Contudo, desmaia durante uma canção e a apresentação é imediatamente interrompida.

Como retratado no filme, Piaf começa a apresentar dificuldades motoras graves. Com apenas 45 anos, simples tarefas como caminhar ou se alimentar lhe eram difíceis. Os abusos e excessos intensificados desde a morte de Cerdan lhe causaram prejuízo físico e financeiro. Apesar de ser uma das cantoras melhor pagas da França, Piaf gastava mais do que recebia e começava a acumular dívidas.

Em 1960 uma música marca sua carreira e sua vida: “*Non, je ne regrette rien*” (Não, eu não me arrependo de nada). A profunda identificação que Piaf sente em relação a essa canção faz com que ela a grave apenas cinco dias após conhece-la, transformando-a, futuramente, em um dos hinos franceses (BRUKE, 2011).

Uma das cenas do filme retrata o momento em que Piaf se preparava para apresentar a música pela primeira vez ao público. A cantora teria percebido, já no camarim, a ausência da cruz que sempre carregava no pescoço e teria ordenado que a buscassem, pois sem ela não faria a apresentação.

As cenas do filme que retratam o ano de 1963, mostram Piaf já muito doente, envelhecida, magra e frágil. Sua rotina se resumia às manhãs na cama e às tardes em seu jardim, onde conversava com sua amiga, e então enfermeira, Simone. Em uma das cenas, chega a afirmar que o motivo de estar tão mal naquele momento era todo o abuso cometido nos últimos anos que haviam, segundo ela, sido um desastre.

Em entrevista nesta época, Piaf declarou: “porque tenho fé, não tenho medo da morte” (PIAF, 2007, p.164). Mas uma triste cena do filme ilustra a última noite de vida de Piaf: deitada na cama, Piaf diz estar com medo. Afirma que está perdendo a memória e diz que isso a assusta. Pede para ver o relógio de Marcel Cerdan, lembra da época que viveu no bordel e de Titine. Lembra também do pai e do episódio no qual ganhara dele a boneca e, por fim, lembra da filha. Em 10 de outubro de 1963 Edith Piaf falece.

“Todos os meu sonhos

Ficaram bem lá atrás,

Mas a realidade

Caminha firme na minha frente...”

“*Tous Mes Rêves*” – Edith Piaf, 1953

(PIAF, 2007, p. 111)

Capítulo 2 – Algumas considerações sobre a teoria do amadurecimento de Winnicott

A história de Edith Piaf, assim como relatada no filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), foi, desde sua primeira infância, marcada por importantes separações. Ainda bebê, foi abandonada pela mãe, que a entregou a avó materna. Esta, não foi capaz de dedicar-lhe os cuidados mais básicos, deixando a menina em frágeis condições de saúde. Seu pai a resgatou da situação precária em que vivia, levando-a para o bordel no qual a avó paterna trabalhava. Lá, uma das prostitutas do local estabeleceu com Edith uma forte relação de cuidado. Contudo, em poucos anos, também foi separada desta mulher pelo pai.

Durante sua juventude, a vida nas ruas, bares e hotéis foi repleta de excessos que sempre a acompanharam, sem contudo, impedir que construísse uma brilhante carreira como cantora. A perda de Marcel Cerdan, identificado por Edith como o grande amor de sua vida, trouxe-lhe um sofrimento profundo, novos vícios foram criados e sua saúde foi se enfraquecendo, até sua morte precoce, 14 anos depois.

A pergunta que dá início a este capítulo é: como as experiências vividas na tenra infância da personagem Piaf marcaram sua história ao longo de toda sua vida adulta?

Em seu livro “A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott” (2014), Dias afirma:

com base na concepção de que o indivíduo humano é dotado de uma tendência inata ao amadurecimento, e de que não há nenhum aspecto, saudável ou doente, da existência humana cujo sentido seja independente do momento do processo ao qual pertence ou no qual teve origem, Winnicott formulou uma teoria do amadurecimento pessoal normal (...). A ênfase dessa teoria recai sobre os estágios iniciais, pois é nesse período que estão sendo constituídas as bases da personalidade e da saúde psíquica. (p.17)

Buscando compreender como o abandono e as separações ocorridas na infância de Piaf afetaram a forma como viveu suas relações amorosas na vida adulta, em especial a perda do grande amor de sua vida, este capítulo será dedicado ao estudo de alguns dos aspectos fundamentais a respeito da teoria do amadurecimento de Winnicott.

Tendência ao desenvolvimento

Winnicott (1958a) compreende que o bebê possui, desde o princípio de sua existência, uma tendência inata ao desenvolvimento:

No universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções. Assim como o bebê senta por volta dos cinco ou seis meses e dá os primeiros passos na época de seu primeiro aniversário (...) também há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional. (p.5)

Dias (2014) ressalta: “cada indivíduo está *destinado a amadurecer*, e isto significa: unificar-se e responder por um eu” (p.92). Segundo a autora, ao longo da vida do indivíduo, a tendência inata ao amadurecimento irá impor diversas tarefas necessárias ao amadurecimento pessoal. Este processo levará a formação de uma unidade.

Segundo a autora, além da tendência ao amadurecimento, o processo de amadurecimento pessoal depende de outro fator fundamental: “a existência contínua de um ambiente facilitador” (DIAS, 2014, p.91).

Dessa forma, Winnicott aponta que para que a tendência ao amadurecimento se atualize, ou seja, para que a personalidade humana se constitua, são necessárias condições ambientais suficientemente boas. Assim, apesar de afirmar haver uma tendência inata, o autor entende que o desenvolvimento não está garantido ao nascimento, havendo a necessidade da existência de cuidados ambientais suficientemente bons.

O processo de amadurecimento pessoal tem início logo após o nascimento e estará em curso durante toda a vida do indivíduo. Para Winnicott (1958^a), ao nascer, o bebê encontra-se em uma situação de dependência absoluta, caracterizada pela ausência de consciência a respeito de sua própria dependência. Com o tempo, esta dependência deve diminuir, caminhando sempre em direção à autonomia. Seguem-se então, os estágios de dependência relativa e da independência relativa.

Winnicott destaca ainda, que o processo de aquisição da independência é, muitas vezes, irregular, podendo haver recorrência da dependência relativa e até da dependência absoluta.

Há ainda outra forma de compreender o amadurecimento. Esta se relaciona com o “sentido de realidade que o indivíduo é capaz de criar em cada etapa e da natureza da relação que ele estabelece com o ambiente (...)” (DIAS, 2014, p.96). Nesse sentido, inicialmente, o bebê se encontra em um mundo subjetivamente concebido; em seguida, encontra uma área intermediária (entre subjetivo e objetivo) - a transicionalidade; enfim o bebê é capaz de construir a separação entre “eu” e “não-eu”, podendo assim perceber objetivamente o mundo compartilhado.

No primeiro momento, de dependência absoluta, ou do mundo subjetivamente concebido, o bebê encontra-se em um estado de não integração, “segundo Winnicott, o bebê ainda não existe como um indivíduo unitário, como um eu” (DIAS, 2014, p.208). A constituição de um si-mesmo

unitário só poderá acontecer em um estágio posterior, no qual o bebê também haverá caminhado no sentido da independência relativa e da percepção objetiva do mundo.

Para isso, ainda neste momento inicial, o bebê necessita de condições ambientais fundamentais ligadas aos cuidados amorosos maternos. Winnicott (1958a) afirma que o sentido do termo “amor” se altera durante a vida da criança, sendo que, inicialmente, “amor significa existir, respirar; estar vivo identifica-se a ser amado” (p.19). Nesse sentido, o autor afirma que para que possa existir e se desenvolver, o bebê necessita de cuidados básicos que só serão suficientemente bons, caso dedicados por alguém que o ame e possa assim, identificar-se com ele.

O par mãe-bebê

Segundo Lejarraga (2012), Winnicott se debruçou sobre o estudo do “tipo de inter-relação que permite ao bebê começar a ser, construir sentidos para uma existência pessoal e fazer com que a vida valha a pena de ser vivida” (p.19). Esta inter-relação se dará entre o bebê e a figura que cumpre a função materna.

Dias (2014) afirma que “durante os estágios iniciais, o bebê vive a maior parte do tempo no estado de não-integração, em situação de dependência absoluta, o que só é possível graças à adaptação também absoluta da mãe” (p.125).

Em relação ao papel fundamental da mãe, Winnicott (1958a) ressalta:

este crescimento [do bebê] só pode ocorrer se se processar numa outra pessoa uma adaptação muito sensível às necessidades da criança. É a mãe da criança que costuma ser a pessoa mais qualificada a desempenhar esta tarefa sumamente delicada e constante; é a pessoa mais adequada pois é ela que, com maior probabilidade, entregar-se-á de modo mais natural e deliberado à causa da criação do filho. (p.6)

No momento inicial espera-se que a mãe se adapte “de modo quase exato às necessidades de seu filho para que a personalidade infantil desenvolva-se sem distorções” (Winnicott, 1958a, p.9). Este processo é chamado de preocupação materna primária. Segundo Winnicott, apesar deste período se assemelhar a um adoecimento, trata-se contudo, de um importante sinal da saúde materna.

A progressiva aquisição da independência pelo bebê permite que, com o tempo, possam haver falhas nesta adaptação e que a mãe readquira sua vida própria. Isto será possível, pois, neste momento, a mente e os processos intelectuais do bebê já serão capazes de suportar tais falhas.

Para que o desenvolvimento do bebê possa ocorrer, o autor nos apresenta o conceito de ‘maternagem suficientemente boa’ (WINNICOTT, 1968). A mãe suficientemente boa é aquela que percebe a medida exata das necessidades de seu filho e é capaz de responder a elas.

É preciso destacar que este conceito, ao mesmo tempo que apresenta condições ambientais básicas para o desenvolvimento do bebê, serve para “transmitir uma concepção não idealizada da função materna” (WINNICOTT, 1968, p.80). Ou seja, ao caracterizar a mãe suficientemente boa, o autor está descrevendo uma forma de adaptação da mães às necessidades específicas do bebê. Muito diferente de falar sobre a necessidade de a mãe ser “perfeita”, o autor inclui em suas funções inclusive a necessidade de falhar em momentos apropriados.

Segundo Dias (2014), Winnicott afirma que a mãe suficientemente boa permitirá ao bebê o cumprimento de três tarefas:

- 1) a partir do estado de não integração, a realização das experiências de integração no espaço-tempo, ou seja, a temporalização e espacialização do bebê (*integração*);
- 2) o alojamento gradual da psique no corpo (*personalização*);
- 3) o início das relações objetais que culminará, mais tarde, na criação e no reconhecimento da existência independente de objetos e de um mundo externo (*realização*). (p.159)

É necessário ainda dizer que a realização destas três tarefas interdependentes, acontece em paralelo à outra tarefa fundamental: “a constituição do si mesmo como identidade” (DIAS, 2014, p.160).

Para que tudo isso seja possível, a mãe possui três funções: o *holding* (segurar) que relaciona-se a tarefa de integração; o *handling* (manipular) que relaciona-se a tarefa de personalização e a apresentação de objetos que se relaciona a tarefa de realização (DIAS, 2014).

Segundo Winnicott, inicialmente “o *holding* inclui especialmente o *holding* físico do lactente, que é uma forma de amar. É possivelmente a única forma em que uma mãe pode demonstrar ao lactente o seu amor” (WINNICOTT, 1960b, p.48). Diz respeito, portanto, a uma série de cuidados, como proteção das agressões fisiológicas; cuidado com a sensibilidade cutânea do bebê, no que diz respeito, por exemplo, ao tato, temperatura, sensibilidade auditiva, sensibilidade à queda etc.; bem como uma sensibilidade às mudanças físicas e psicológicas que ocorrem constantemente com o desenvolvimento do bebê (WINNICOTT, 1960b). Em outro momento, o autor afirma: “dou-me por satisfeito em usar o verbo segurar [*holding*], e ampliar o seu significado para que possa abranger tudo aquilo que, nesta ocasião, uma mãe é ou faz” (WINNICOTT, 1966, p.4).

Winnicott se dedica especialmente ao desenvolvimento do conceito de *holding* e acredita que “a tarefa de integração no tempo e no espaço é a mais básica e fundamental das tarefas do

amadurecimento” (DIAS, 2014, p.188). Como afirma Dias (2014), antes de perceber o tempo e o espaço “o recém-nascido vive em uma espécie de *continuum*” (p.188). Dessa forma, primeiramente ele terá que construir sentido para tempo e espaço em seu mundo subjetivo. Segundo a autora, o sentido do tempo estará ligado, inicialmente, à continuidade da presença materna enquanto o sentido de espaço será construído a partir do sentimento de habitar seu próprio corpo.

O *handling* é um desdobramento do *holding*. Esta tarefa é definida por Winnicott como o toque corporal que “facilita a formação de uma parceria psicossomática na criança. Isso contribui para a formação do sentido do ‘real’, por oposição do ‘irreal’” (WINNICOTT, 1960a, p.27). A tarefa relativa ao *handling*, ou seja, a personalização, pressupõe que, “de início, corpo e psique não se reuniram e só se constituirão como uma unidade se tudo correr bem no processo de amadurecimento” (DIAS, 2014, p.199).

A terceira tarefa da mãe, a apresentação de objetos, permite ao bebê iniciar o contato com a realidade, estabelecer relação com os objetos e realizar o exercício de seu impulso criativo. Novamente, é preciso lembrar que o único sentido de realidade que o bebê pode conquistar nos primórdios de sua vida é a realidade subjetiva. Nesse sentido, é interessante o uso da palavra “realização” para descrever a tarefa que o bebê deve empenhar. Isto pois, apesar de estar sendo apresentado ao mundo, ou aos objetos, pela mãe, o bebê deverá, ao mesmo tempo, ser capaz de criá-los (ou realizá-los) para que, apenas posteriormente, possa de fato se relacionar com tais objetos.

Não deixa de ser fundamental o papel da mãe já que “é preciso que alguém se dê ao trabalho de continuamente apresentar amostras do mundo ao bebê, de forma compreensiva e adequada à capacidade maturacional do momento” (DIAS, 2014, 205).

No conjunto deste cuidado com o bebê, Winnicott (1949) destaca ainda a importância do prazer materno: “o bebê não quer tanto que lhe deem a alimentação correta na hora exata, como, sobretudo, ser alimentado por alguém que ama alimentar seu próprio bebê. (...) O que ele não pode dispensar é o prazer da mãe que acompanha o ato de vestir ou de dar banho em seu próprio bebê” (p.28).

Entendemos portanto, que ao nascimento, para que seja possível atualizar a tendência ao desenvolvimento trazida pelo bebê, é necessário um tipo de cuidado muito específico, somente dedicada à criança por alguém que a ame e, dessa forma identifique-se com a mesma. Estes cuidados maternos primários suficientemente bons permitirão o início da construção de uma vida que vale a pena de ser vivida.

Constituição do si-mesmo e a capacidade de ficar só

Como dito anteriormente, na fase inicial da vida do bebê, na qual há o predomínio da dependência absoluta e o mundo é subjetivamente concebido, não há ainda um indivíduo unitário. “O si-mesmo unitário é resultado da tendência integrativa e alcança um estado mais consciente e estável no estágio em que o indivíduo, se pudesse falar, diria EU SOU” (DIAS, 2014, p.208).

Segundo Dias (2014), há um processo gradual que parte da não-integração, rumo à integração. Nesse sentido, as primeiras experiências de ser estão relacionadas a experiência de identificação primária. A mãe que identifica-se com o bebê permite que este realize sua identificação primária, base da primeira experiência de ser. Winnicott (1960a) destaca:

só na presença dessa mãe suficientemente boa pode a criança iniciar um processo de desenvolvimento pessoal e real. Se a maternagem não for boa o suficiente, a criança torna-se um acumulado de reações à violação; o *self* verdadeiro da criança não consegue formar-se, ou permanece oculto por trás de um falso *self* que a um só tempo quer evitar e compactuar com as bofetadas do mundo. (p.24)

Nesse sentido, apesar da identificação primária ser uma experiência do bebê, ela deve ser possibilitada pela mãe. Winnicott (1966) destaca que tal experiência é fundamental para o início da existência de um “ser”.

Como afirma Dias (2014), “na experiência primária de integração, o bebê torna-se idêntico aos cuidados que ele recebe: ele é esses cuidados. Melhor dizendo: o bebê torna-se a confiabilidade desses cuidados” (p.210). A partir da conquista da identificação primária, algo de si-mesmo poderá surgir gradualmente, para que se chegue, no futuro, à experiência de integração.

Para Winnicott (1966), “o bebê (...) identifica-se com a mãe nos momentos calmos de contato, que é menos uma realização do bebê que um resultado do relacionamento que a mãe possibilita. Do ponto de vista do bebê, nada existe além dele próprio e portanto a mãe é, inicialmente, parte dele” (p.9).

É preciso portanto, realizar a distinção entre o que Winnicott define como estados tranquilos (momentos calmos) dos estados excitados.

Os estados excitados são aqueles nos quais surgem as necessidade mais primitivas do bebê e ele, por sua vez, parte em busca de criar algo que lhe satisfaça. Dessa forma, o bebê com fome, tem a ilusão de criar o seio da mãe que, identificada com seu filho, “está esperando ser descoberta. E não é preciso que ela reconheça intelectualmente o quanto é importante que o bebê a crie, para que ela possa fazer a sua parte e ser criada por cada bebê novamente” (WINNICOTT, 1988a, p.122).

Sendo assim, a mãe atenta “torna possível para o bebê ter a ilusão de que o seio, e aquilo que o seio significa, foram criados pelo impulso originado pela necessidade (WINNICOTT, 1988a, p.121). Nos estados excitados a mãe funciona para o bebê como objeto que satisfaz suas necessidades urgentes (mãe objeto). O autor destaca contudo, que mesmo nos momentos excitados, há “um fundo de tranquilidade, no qual existe um outro tipo de relacionamento entre a mãe e o bebê” (WINNICOTT, 1988a, p.122).

Este outro tipo de relacionamento diz respeito aos estados tranquilos. Nestes, a mãe funciona para o bebê como ambiente, evitando imprevistos e provendo ativamente os cuidados necessários ao filho e o manejo global (WINNICOTT, 1963). Nesse sentido, a mãe, voltada para as necessidades do bebê, é capaz de prover um meio protetor (mãe ambiente).

Winnicott destaca a importância dos impulsos dos estados excitados partirem de um estado tranquilo. Isto, pois, só assim, haverá por parte do bebê a possibilidade de criação de algo pessoal, em oposição ao que seria a imposição de algo pelo ambiente. Se “a iniciativa parte do ambiente, o que resta ao bebê é reagir e não ser” (DIAS, 2014, p.210).

Em resumo, Winnicott afirma que o bebê se encontra inicialmente em um estado de indiferenciação. Em seguida, a partir da identificação primária com a mãe, este irá partir rumo a criação de uma identidade. Havendo uma mãe ambiente e uma mãe objeto suficientemente boas, suas necessidades serão supridas na medida exata para que haja a possibilidade do exercício de um impulso criativo e então, seja possível a construção gradual de um si-mesmo.

Winnicott valoriza os estados tranquilos também como condição necessária para a construção da capacidade para estar só. Tal capacidade é fundamental para o desenvolvimento da capacidade de amar e, segundo o autor “é um dos sinais mais importantes do amadurecimento e do desenvolvimento emocional” (WINNICOTT, 1958b, p.31)

A partir da repetição de diversas experiências satisfatórias de cuidado, o bebê sente-se confiante de que o objeto de seu desejo (a mãe) poderá ser sempre encontrado. Nas palavras de Winnicott (1958b), “maturidade e capacidade de ficar só significam que o indivíduo teve oportunidade através da maternidade suficientemente boa de construir uma crença num ambiente benigno” (p.34).

É importante destacar um paradoxo exposto por Winnicott (1958b): no princípio, o ego da criança não é forte suficiente para estar só sem o apoio de um ego consistente, sendo assim, tal capacidade “se baseia na experiência de estar só na presença de alguém e sem uma suficiência dessa experiência a capacidade de estar só não pode se desenvolver” (p.35). Sendo assim, o autor ressalta que no estágio mais imaturo a criança só suporta estar só com o apoio do ego da mãe.

Com o tempo, a criança é capaz de ficar de fato sozinha, contudo, “o ambiente auxiliar do ego é introjetado” (WINNICOTT, 1983, p.37), e portanto, há, de certa forma, sempre a presença inconsciente da mãe, que no período imaturo estava identificada com o bebê.

O autor afirma ainda, que é apenas com a construção da capacidade de estar só que será possível a descoberta de uma vida pessoal própria, do contrário, “a alternativa patológica é a vida falsa fundamentada em reações à estímulos externos” (WINNICOTT, 1958b, p.35).

Vimos portanto, que a identificação primária da mãe permite ao bebê o início de uma experiência de ser. É a partir desta experiência que se dará continuidade ao amadurecimento emocional, com a construção da capacidade de estar só. Assim, o bebê terá a possibilidade de começar a construir uma vida própria.

Agressividade

Winnicott (1964) compreendia que a agressão possui dois significados distintos: “por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação à frustração. Por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo” (p.262). Esta distinção é fundamental para compreensão daquilo que o autor considera como uma agressividade inata.

Para Winnicott (1950), desde o princípio do desenvolvimento da personalidade já está presente a agressividade no bebê, contudo, “em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade” (p.289) não possuindo ainda intencionalidade. O autor explica que nos no início da vida do indivíduo “a agressividade faz parte da expressão primitiva de amor” (p.289). O autor ressalta então, a necessidade de examinar os primeiros impulsos de amor.

Como dito anteriormente, na primeira etapa da vida do bebê, no estado de dependência absoluta e de total indiferenciação entre “Eu” e “Não-Eu”, o termo amor havia sido definido pelo autor como existir, respirar e ser amado. Ao apresentar o conceito de impulso amoroso primitivo, Winnicott (1958a) afirma que “amor significa apetite. Aqui não há preocupação, apenas a necessidade de satisfação” (p.19).

Para compreender a expressão primitiva do amor, ou seja, o “amor apetite”, Winnicott (1950) analisa os primeiros impulsos do amor, impulsos orais, que levam o bebê a devorar o seio materno. Segundo ele, apesar de destrutivos, tais impulsos primitivos não possuem intenção de destruição, já que o bebê encontra-se ainda em uma etapa anterior à preocupação, na qual “a criança existe como pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento aos resultados” (p.290).

Sendo assim, apesar de já utilizar o termo ‘agressividade’ é preciso lembrar que, neste momento, ainda não está presente o componente da intencionalidade.

Quando trata dos impulsos amorosos primitivos, o autor se refere a impulsos vorazes e destrutivos, fundamentais para a sobrevivência do bebê - permitindo-lhe movimentar-se, alimentar-se e satisfazer-se -, que serão as raízes da verdadeira agressividade futura. Nesse sentido, Winnicott (1958a) afirma:

a motilidade é precursora da agressão, termo esse que vai ganhando significado conforme a criança cresce. (...) Na criança sadia, grande parte do potencial de agressão funde-se as experiências instintivas e ao padrão dos relacionamentos do pequeno indivíduo. (...) Em casos de enfermidade, só uma pequena proporção do potencial de agressividade vem a fundir-se com a vida erótica e a criança passa a ser atormentada com certos impulsos que carecem de sentido. (p.17)

Como dito, parte do potencial de agressão será fundido à vida erótica, a outra parte “precisa encontrar oposição (...) precisa de algo para empurrar, caso contrário permanecerá sem experiência e constituirá uma ameaça para o bem estar” (WINNICOTT, 1950, p.298). É a oposição realizada pelos objetos reais que dará ao bebê uma sensação de realidade e permitirá que ele inicie um contato com o mundo externo.

É importante ressaltar que Winnicott (1950) nos mostra que este processo é extremamente complexo. Trata-se da fase na qual a separação entre “Eu” e “Não-Eu” está sendo construída e “o componente agressivo é o que irá, geralmente, conduzir o indivíduo rumo a um objeto ou a um “Não-Eu” (p.301).

Percebemos, mais uma vez, uma importante característica da teoria de desenvolvimento winnicottiana. Assim como o autor aponta que o bebê nasce com um potencial ao desenvolvimento, que deve ser atualizado a partir de um ambiente suficientemente bom, a agressividade também é uma capacidade que deve ser desenvolvida. Apesar do bebê apresentar, desde muito cedo, impulsos primitivos que se constituem na raiz da agressividade, estes impulsos precisam ser recebidos pelo ambiente para que haja futura transformação e construção do que será a agressividade na vida adulta.

Dessa forma, o autor classifica três modos distintos de manifestação da agressividade, de acordo com os estágios de desenvolvimento emocional. No modo inicial, relativo ao estágio da pré-integração, apresenta-se uma agressividade com propósito (ou seja, se dirige a algo, como o seio da mãe, por exemplo), contudo sem que haja culpa ou piedade. Em seguida, no modo intermediário, correspondente ao estágio de integração, surge a piedade e a culpa, próprias da fase do concernimento. Por fim, Winnicott (1950) classifica o estágio da “personalidade total”, que,

segundo ele, foi amplamente estudado por Freud e no qual a agressividade se manifesta no contexto das relações interpessoais e das situações triangulares.

Vimos até aqui que, para Winnicott, as raízes da agressividade estão presentes no bebê desde o princípio de sua vida. Além disso, o autor relaciona o desenvolvimento da capacidade de amar ao da agressividade e salienta a importância da mesma para a construção do relacionamento do indivíduo com os objetos.

Uso do objeto e Capacidade de Concernimento

O uso do objeto é também uma capacidade que deverá ser desenvolvida pela criança. Isto, pois nos primórdios, o bebê ainda não é capaz de separar objetos “Não-eu”. Como afirma Dias (2014),

mesmo durante os estágios primitivos, vivendo num mundo totalmente subjetivo, o bebê está sendo provido de experiências de contatos com objetos que, chegando a ele ao modo de objetos subjetivos, são pequenas amostras da realidade externa (do ponto de vista do observador). As experiências repetidas com esses objetos, além de passarem a fazer parte do bebê, pela identificação primária, vão, gradualmente, tornando o objeto significativo, apesar dele ainda não saber da existência separada deste. (p.233)

Antes do bebê ser capaz de reconhecer objetos separados, Winnicott utiliza a expressão “relação de objeto” para denominar a relação entre o bebê e seus objetos subjetivos. Contudo, para Dias (2014), trata-se de uma expressão imprecisa, já que, neste momento, não é possível haver de fato uma relação a medida que ainda não existem objetos externos ao bebê. “A relação de objeto é uma experiência do sujeito que pode ser descrita em termos do sujeito, como ser isolado” (WINNICOTT, 1969, p.121).

Posteriormente será desenvolvida a capacidade de “uso do objeto”, no momento em que o bebê for capaz de identificar o objeto como algo separado dele e “na sua propriedade de ter estado sempre ali e de continuar ali, independentemente do bebê e, portanto, fora de seu controle onipotente” (DIAS, 2014, p.235).

Nas palavras de Winnicott (1969):

quando falo de uso de um objeto (...) tomo a relação de objeto como evidente e acrescento novas características que envolvem a natureza e o comportamento do objeto. Por exemplo, o objeto, se é que tem de ser usado, deve ser necessariamente real, no sentido de fazer parte da realidade compartilhada, e não um feixe de

projeções. É isso, penso eu, que contribui para estabelecer a grande diferença existente entre relacionar-se e usar. (p.123-124)

Para que haja o uso do objeto o bebê necessita expulsar o objeto (subjetivo) para fora de si, o que significa destruí-lo, ou, destruir a característica subjetiva do objeto. Trata-se aqui de uma destruição de caráter positivo, referente à necessidade de amadurecimento do bebê. O objeto subjetivo é destruído e é criada “um novo sentido de realidade, o da externalidade” (DIAS, 2014, p.236).

É preciso destacar que o bebê apenas será capaz de realizar tal destruição se houver, em contrapartida, a sobrevivência do objeto.

Sobreviver significa, neste contexto, não retaliar, não mudar de atitude, permanecer confiavelmente o mesmo. (...) O impulso de destruir do bebê é real, e ele precisa experimentá-lo, mas só poderá fazê-lo se houver segurança, isto é, se não houver o risco do objeto sucumbir. Caso o objeto sobreviva, o impulso se transforma na capacidade de usar o objeto que sobreviveu (DIAS, 2014, p.237).

Como afirma Dias (2014) é apenas a partir desta etapa que há realmente a possibilidade de existência da fantasia, já que agora o bebê é capaz de separar aquilo que ocorre no mundo compartilhado de sua fantasia interna, ou seja, a permanência do objeto de sua destruição inconsciente.

No relacionamento com os objetos externos, o objeto tido como bom está sempre sendo destruído na fantasia. O sentido para esta destruição seria que tal objeto, em função de suas qualidades reais, é capaz de sobreviver independentemente dos ataques destrutivos. Nas palavras de Winnicott (1969):

o sujeito diz para o objeto: ‘Eu te destruí’, e o objeto ali está, recebendo a comunicação. Daí por diante, o sujeito diz: ‘Eu te destruí. Eu te amo. Tua sobrevivência à destruição que te fiz sofrer, confere valor à tua existência, para mim. Enquanto estou te amando, estou permanentemente te destruindo na fantasia’ (inconsciente).” (p.126)

Como destaca Dias (2014), “se o bebê precisar proteger o objeto, devido à fragilidade deste, ele não fará a experiência necessária de destruição, e não chegará à relacionar-se com o objeto externo real, não poderá usá-lo, nem amá-lo, nem odiá-lo” (p.239).

Dias (2014) afirma que a capacidade para amar só poderá surgir quando houver a experiência de destruição inconsciente do objeto e sua sobrevivência. Neste momento, tratamos de um amor diferente do amor primitivo, já que agora é possível haver um eu separado que dirige um sentimento em relação à uma outra pessoa, também separada.

Sendo assim, tendo havido a aquisição da capacidade de uso do objeto, mais uma condição para a conquista da capacidade de amar foi cumprida. Outra condição fundamental diz respeito à capacidade de se preocupar.

Winnicott afirma que o desenvolvimento da capacidade de se preocupar só irá se estabelecer quando o bebê puder sentir a mãe como uma pessoa completa, ou seja, quando houver um relacionamento entre duas pessoas.

Neste ponto, o bebê já percebeu que a mesma mãe que lhe proporciona as experiências positivas (mãe dos estados tranquilos, ou mãe-ambiente) lhe desperta também impulsos destrutivos (mãe dos estados excitados, ou mãe-objeto). Segundo o autor, “a preocupação surge na vida do bebê como uma experiência altamente sofisticada ao se unirem na mente do lactente a mãe-objeto e a mãe-ambiente” (WINNICOTT, 1963, p.72). Contudo, tal percepção gera muita ansiedade, pois o bebê teme que a carga de seus impulsos destrutivos machuquem a mãe que ama.

Dessa forma, o autor ressalta que, enquanto a mãe-objeto deve se manter viva aos ataques dos impulsos destrutivos de seu bebê, a mãe-ambiente tem a função de “continuar a ser ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso” (WINNICOTT, 1963, p.73).

“O lactente sente ansiedade, porque se ele consumir a mãe ele a perderá, mas esta ansiedade se torna modificada pelo fato de o bebê ter uma contribuição a fazer à mãe-ambiente” (WINNICOTT, 1963, p.73). Segundo Winnicott a ansiedade modificada dará origem ao sentimento de culpa.

A mãe suficientemente boa, por se manter viva repetidas vezes aos ataques do filho, permite que ele possa experimentar a culpa pelos ataques que realiza “ou retê-la totalmente, na expectativa de uma oportunidade para fazer a reparação dela. A esta culpa que é retida, mas não sentida como tal, denominamos ‘preocupação’” (WINNICOTT, 1963, p.78).

Winnicott (1963) afirma que “preocupação indica o fato do indivíduo se importar, ou valorizar, e tanto sentir como aceitar responsabilidade” (p.70). Para o autor, a capacidade de se preocupar está na base da família, do brincar e mesmo do trabalho construtivo.

É preciso ressaltar a importância dada pelo autor a possibilidade do bebê de contribuir com a mãe. Apenas com o exercício desta contribuição que se estabelecerá de fato a capacidade de se preocupar. “Nos estágios iniciais do desenvolvimento, se não há uma figura materna de confiança para receber o gesto de reparação, a culpa se torna intolerável, e a preocupação não pode ser sentida. O fracasso da reparação leva à perda da capacidade de se preocupar e à sua substituição por formas mais primitivas de culpa e ansiedade” (WINNICOTT, 1963, p.18).

Em relação ao amor, a capacidade de se preocupar é especialmente importante. Como dito anteriormente, a destrutividade é inerente ao amor. Sendo assim, a reparação (fruto da preocupação) é fundamental para que se possa viver de forma saudável a relação amorosa.

Criatividade e Ilusão

Segundo Lejarraga (2012), para Winnicott, outra importante noção à respeito do ser humano é a de criatividade. A autora afirma que a criatividade é mais uma potencialidade que deve ser desenvolvida e que depende do ambiente suficientemente bom para isso.

Winnicott (1971a) considera a presença da criatividade como critério para a saúde do ser humano:

é através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida. Em contraste, existe um relacionamento de submissão com a realidade externa, onde o mundo em todos seus pormenores é reconhecido apenas como algo a que ajustar-se ou a exigir adaptação (p.95).

Contudo, o autor aponta que seria impossível haver uma “destruição completa da capacidade do indivíduo humano para o viver criativo” (WINNICOTT, 1971a, p.99). Dessa forma, segundo ele, até mesmo nos casos mais graves de submissão à realidade externa, quando há inclusive a formação de uma falsa personalidade, poderia ser encontrada uma parte oculta de viver criativo no indivíduo.

Winnicott (1971a) trabalha o conceito de “impulso criativo”, afirmando que este

é algo que pode ser considerado como uma coisa em si, algo naturalmente necessário a um artista na produção de uma obra de arte, mas também algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa (...). (p.100).

Sendo assim, o autor afirma existir um “impulso criativo” já nos primeiros atos do bebê, sempre que este se inclina para realizar algo. É a partir deste impulso que poderá ser desenvolvida a criatividade na vida do indivíduo.

Como dito, para Winnicott é o exercício da criatividade que fará com que o indivíduo sinta que “a vida é digna de ser vivida”. Lejarraga (2012) destaca que a satisfação envolvida no contato criativo com o mundo “não se trata do prazer oriundo das zonas erógenas. Trata-se do prazer de

apresentar algo de si próprio, de começar a ter a experiência do incipiente si-mesmo em contato com a realidade (...)” (p.75).

Tal contanto incipiente se remete às primeiras experiências de criação do bebê. Falei anteriormente sobre as primeiras experiências de amamentação, quando a mãe suficientemente boa apresenta o seio no momento de fome do bebê, permitindo que ele tenha a ilusão de que criou o seio materno. “Sabemos que o mundo estava lá antes do bebê, mas o bebê não sabe disso, e no início tem a ilusão de que o que ele encontra foi por ele criado” (WINNICOTT, 1988a, p.131).

Como afirma Lejarraga (2012), tal experiência de ilusão não pode ser considerada como oposta à realidade, mas sim como uma ponte para a mesma: “a realidade criada e achada pelo bebê existe” (p.77). A ilusão permite assim, que se estabeleça um padrão de contato prazeroso com a realidade.

De certa forma, tal ilusão estará presente por toda a vida do indivíduo. Para Winnicott (1971a), só assim será possível ao ser humano lidar com o fato de que não há verdadeiramente a possibilidade de um contato direto com a realidade externa, ou seja, um contato “objetivo”. Isto pois, para o autor, “objetividade é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido” (p.96).

Dessa forma, Winnicott supera a tradicional oposição entre objetivo e subjetivo, ou entre realidade e ilusão. Além disso, traz a perspectiva de que o real não será acessado pelo bebê a partir da frustração de suas fantasias e sim através do exercício de seu potencial criativo. Como destaca Lejarraga (2012), “a ilusão não é defesa contra a realidade nem se constitui em ausência dela, mas possibilita a relação com a realidade” (p.78).

É a partir do desabrochar da criatividade potencial que o bebê será capaz de reconhecer a existência de uma realidade externa. Iniciam-se então as experiências da transicionalidade.

Transicionalidade

Como já dito, para Winnicott, a criatividade está presente na vida do indivíduo desde o princípio da constituição de sua personalidade, quando, ao dirigir-se à mãe, buscando suprir suas necessidades, o bebê tem a ilusão de criar o objeto desejado. Para o autor, é a partir desta criatividade presente no início da vida que, com o tempo, se desenvolverá um importante processo que dará origem ao brincar.

Segundo Winnicott (1951), para compreender a origem do brincar, é preciso estar atento ao intervalo de tempo entre o uso dos dedos para estimulação da zona erógena oral (o que ocorre nos primórdios da vida do bebê) e o início da brincadeira com determinados objetos especialmente escolhidos pelos bebês.

Neste intervalo de tempo, o bebê está desenvolvendo a capacidade de reconhecer objetos “não-eu” (localizados fora de seu corpo). Segundo Winnicott (1951), a partir de agora, o bebê irá desenvolver a capacidade “de criar, imaginar, inventar, originar, produzir um objeto”, além de estabelecer “o início de um tipo afetivo de relação de objeto” (p.14).

Para explicar tudo aquilo que acontece neste intervalo de tempo, o autor utilizou os conceitos de “objetos transicionais” e “fenômenos transicionais”. Estes ocorrem em uma

área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta. (WINNICOTT, 1951, p.14)

Tal “área intermediária” se localiza entre a realidade interna e a vida externa, recebendo contribuições de ambas. Winnicott (1951) afirma que trata-se de um local de “repouso” no qual não há a necessidade de separação entre o que é interno e externo.

Em relação aos “objetos transicionais”, estes são considerados por Winnicott (1951) como os primeiros objetos verdadeiramente “não-eu”. No momento adequado, quando o bebê começa a ser destituído de sua onipotência devido as falhas da mãe, acontece o apego por determinados objetos por ele eleitos.

Tais objetos (transicionais) se tornam indispensáveis ao bebê, especialmente em momentos de maior ansiedade, como o momento de ir dormir. A mãe sabe que tal objeto não deve ser substituído, modificado ou mesmo lavado e que deve ser levado com o bebê em caso de viagens (WINNICOTT, 1951).

Segundo o autor, o aparecimento dos objetos transicionais acontece entre quatro e seis meses de idade e eles serão usados, geralmente, até oito e doze meses de idade. O uso do objeto transicional pode ser mantido após a primeira infância, “quando o humor depressivo ameaça manifestar-se” (WINNICOTT, 1951, p.17). Contudo, a tendência é que haja uma ampliação nos interesses da criança e que tal ampliação se mantenha mesmo em momentos de maior ansiedade. “A necessidade de um objeto específico ou de um padrão de comportamento que começou em data muito primitiva pode reaparecer numa idade posterior, quando a privação ameaça” (WINNICOTT, 1951, p.17)

Em relação às qualidades do objeto transicional, Winnicott (1951) aponta que: 1) o bebê assume direitos sobre tal objeto; 2) são direcionados ao objeto tanto carícias afetuosas quanto carícias excitadas e mutilações; 3) o objeto nunca deve mudar, a não ser que o próprio bebê o faça; 4) o objeto deve sobreviver ao amor e ao ódio do bebê; 5) o objeto deve mostrar que tem vitalidade ou realidade próprias (seja pelo calor, textura etc.); 6) do ponto de vista do bebê, o objeto não deve ser oriundo do exterior, nem do interior, ao mesmo tempo que também não é uma alucinação.

Com a conquista do amadurecimento progressivo, o destino do objeto é ser gradativamente descatequizado. Ou seja, ele não é esquecido pela criança, mas “perde o significado, e isso deve-se ao fato de que os fenômenos transicionais se tornaram difusos, se espalharam por todo o território intermediário (...)” (WINNICOTT, 1951, p.19).

É importante ressaltar que Winnicott (1951) considera o objeto transicional como sendo a raiz do simbolismo, em suas palavras:

Creio que há uso para um termo que designe a raiz do simbolismo no tempo, um termo que descreva a jornada do bebê desde o puramente subjetivo até a objetividade, e parece-me que o objeto transicional (...) é o que percebemos desta jornada de progresso no sentido da experimentação. (p.19)

O uso do objeto transicional irá permitir que o bebê tolere a frustração relativa a ausência da mãe e a percepção de que, afinal, o seio da mãe não faz parte de si mesmo. Nesse sentido, ainda mais importante que o valor de representante simbólico do objeto parcial, é o fato de ser este um objeto real e externo que não é, de fato, o seio da mãe.

Vimos então, que nos primeiros contatos da mãe suficientemente boa com o bebê, esta permite que ele tenha a ilusão de criar o mundo. O bebê poderá então, iniciar o exercício de sua criatividade primária para conceber a existência de uma realidade subjetiva. Para realizar a passagem da subjetividade para objetividade, o bebê fará o uso de objetos transicionais. Utiliza-se aqui o termo “uso” pois, neste momento, passa-se da relação de objeto para o uso do objeto. Neste processo, o bebê poderá modificar o sentido do objeto, sendo agora percebida sua realidade externa.

Como dito, os objetos transicionais serão utilizados em uma “área intermediária” entre o interno e o externo – na qual acontecem os fenômenos transicionais. Tal área é chamada por Winnicott (1971b) de “espaço potencial”.

Esse espaço potencial é extremamente variável de indivíduo para indivíduo e seu fundamento está na confiança que a mãe inspira no bebê, confiança experimentada por um período suficientemente longo, no estágio decisivo da separação entre o

não-eu e o eu, quando o estabelecimento de um eu (self) autônomo se encontra no estágio inicial. (p.152)

Segundo o autor, a presença deste espaço se estende por toda vida do indivíduo e é lá, na realidade, “que permanecemos a maior parte do tempo quando experimentamos a vida” (WINNICOTT, 1971b, p.145). Para isso que seja possível, é preciso que tenham havido suficientes experiências de ilusão, confiança e descobrimento do prazer no exercício da criatividade. É ao proporcionar esta “zona intermediária” que a mãe permitirá que o bebê tenha um espaço para experiência cultural ou o brincar criativo.

Winnicott (1971c) dá grande atenção ao tema do brincar criativo, considerando ser tal atividade um fundamental sinal de saúde psíquica. Para o autor, uma importante característica do brincar é o prazer: “brincar, essencialmente, satisfaz” (p.77).

Contudo, o autor diferencia tal satisfação da satisfação instintual. Para Winnicott (1971c), enquanto o instinto deve conduzir a um clímax, “o brincar atinge seu próprio ponto de saturação, que se refere à capacidade de conter a experiência” (p.77). Em suas palavras: “a excitação corporal das zonas erógenas ameaça constantemente o brincar e, portanto, ameaça o sentimento que a criança tem de existir como pessoa” (p.77). Winnicott mostra que é justamente a possibilidade de começar a construir algo de si-mesmo que confere prazer ao brincar.

Além disso, segundo o autor, a “magia” do brincar “se origina na intimidade, num relacionamento que está sendo descoberto como digno de confiança” (WINNICOTT, 1971c, p.71). Dessa forma, o autor descreve um tipo de prazer que tem sua origem nas experiências iniciais de contato confiável com a mãe e que, novamente, não diz respeito ao prazer instintual.

Vimos então que, ao possibilitar ao bebê o espaço potencial, a mãe lhe permite a descoberta de uma importante forma de prazer, “a sensação de desfrutar do si-mesmo” (LEJARRAGA, 2012, p.89). Lejarraga (2012) nos mostra como Winnicott relaciona a saúde e alegria da vida adulta às primeiras experiências no espaço potencial:

não poderíamos imaginar uma pessoa criativa e capaz de desfrutar a experiência do viver, que não tenha tido significativas experiências de alegria na sua infância; desde o bem-estar calmo e confiante da mutualidade até o brincar espontâneo e feliz. Essas experiências de alegria iniciais criam uma base sólida e positiva para enfrentar, ao longo da vida, as decepções, o sofrimento e as perdas inevitáveis. (p.90)

A autora relaciona ainda espaço potencial à relação amorosa saudável:

Winnicott já sugeria essa íntima ligação entre uma união amorosa e o espaço potencial, quando afirmava que o casamento era uma oportunidade para o viver

criativo (...). No espaço potencial dois parceiros amorosos são, ao mesmo tempo, criados e achados, encontrados na realidade compartilhada e também criados subjetivamente. (p.94)

A transicionalidade é descrita por Winnicott como mais um aspecto a ser conquistado no desenvolvimento emocional do bebê. Como dito, trata-se de um processo fundamental para que se construa uma vida saudável e uma vida que valha a pena de ser vivida. A transicionalidade e o encontro de um espaço potencial relaciona-se ainda a construção da capacidade de amar.

Durante este capítulo, apresentei alguns elementos da teoria do amadurecimento de Winnicott fundamentais para sua compreensão de construção da capacidade de amar e de se separar.

Notamos que este autor compreende o amadurecimento, ou desenvolvimento emocional, como uma série de tarefas que serão cumpridas pelo bebê, sempre em relação ao ambiente. Dessa forma, para que a tendência inata ao desenvolvimento seja atualizada, a presença de um ambiente suficientemente bom é fundamental.

Em relação à personagem Piaf, do filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), é possível desde já levantar a hipótese de que o abandono materno e as separações posteriores vividas por ela na infância, tiveram como possível consequência um amadurecimento emocional deficitário, com impactos na construção de diversas de suas capacidades emocionais.

Esta e outras hipóteses a respeito da personagem serão desenvolvidas no último capítulo deste trabalho.

Antes disso, considero importante refletir mais profundamente sobre a capacidade de amar e de separação, fundamentais para compreensão do processo vivido por Piaf quando perdeu o grande amor de sua vida. Desta forma, o capítulo seguinte será dedicado a estes temas.

Capítulo 3 – Amor e Separação

Como o próprio título do filme (“Piaf – Um hino ao amor”) sugere, o amor é uma questão central na vida da personagem e fundamental para a compreensão do sofrimento que carrega consigo. Desta forma, a partir dos conceitos já trabalhados anteriormente, irei agora explorar o amor e a separação em Winnicott.

Naffah Neto, na apresentação do livro “O amor em Winnicott” (2012), afirma que o psicanalista inglês traz em sua teoria transformações sobre a concepção da origem da sexualidade que são fundamentais para a compreensão de sua visão sobre o amor.

Diferentemente de Freud, que compreendia “a sexualidade como uma *physis*, um princípio originário do qual tudo se deriva”, Winnicott a entende como

uma dimensão fundamental da vida, sem dúvida pautada pela busca do prazer, mas que não engloba tudo (ou quase tudo), não se forma de imediato – como para Freud – (...) mas exige que o bebê possa minimamente se apropriar dos seus impulsos instintivos e de suas sensações prazerosas por meio de um *self*, ainda que incipiente. (NAFFAH NETO, 2012, p.10)

A partir daí, o amor, para Winnicott deve ser considerado como um elemento múltiplo, constituído, desde sua origem, por diversos componentes, na relação com o mundo. Sendo assim, é possível compreender o sentido da expressão “construção da capacidade de amar”, ou seja, Winnicott trabalha com a noção de que para que seja possível amar é necessário que haja antes a construção de um desenvolvimento psíquico fundamental.

Assim como nos apresenta Lejarraga (2012), é a partir do processo de desenvolvimento emocional que será construída tal capacidade, de forma mais consistente ou menos consistente. Dessa forma, apresentarei a seguir os elementos apontados por Lejarraga como presentes na “montagem do amor”.

Montagem do Amor

Lejarraga (2012) desenvolve o conceito de “montagem do amor” a partir da compreensão trazida por Winnicott de que “o amor não remete a um fundamento único” (p.131). Ao longo de seu

livro, a autora apresenta a ideia de construção da capacidade de amar, como uma das capacidades fundamentais do processo de desenvolvimento emocional do sujeito.

Como vimos, para que tal capacidade se estabeleça, a autora propõe uma trama de elementos composta por: (1) impulso sexual, (2) intimidade, (3) afeição e (4) concernimento.

Winnicott, assim como Freud, atentou para a importância dos instintos sexuais no desenvolvimento infantil, na constituição da sexualidade do indivíduo e também, como afirma Lejarraga (2012) como componente presente na “montagem do amor”.

Abordarei brevemente o tema da sexualidade (1), demasiadamente complexo, pois, como afirma Lejarraga (2012),

Winnicott concorda, de maneira geral, com as ideias freudianas sobre sexualidade infantil, mas concebe esse desenvolvimento no marco mais amplo do processo de amadurecimento. Assim, a sexualidade é parte do desenvolvimento emocional e se entrelaça com outros processos não menos essenciais, como a integração egoica, a constituição do si-mesmo, (...) entre outros. (p.107)

Winnicott (1988b) define instinto como “o termo pelo qual se denominam poderosas forças biológicas que vêm e voltam na vida do bebê ou da criança, e que exigem ação. A excitação do instinto leva a criança, assim como qualquer animal, a preparar-se para a satisfação.” (p.57). Após o período de preparação, a satisfação será encontrada por meio de um ato, produzindo o clímax. Então, “surge a recompensa do prazer e também o alívio temporário do instinto” (p.57).

Segundo Winnicott (1988b), quando se busca compreender os instintos humanos, é preciso considerar o processo de “elaboração imaginativa”. “A elaboração imaginativa será o trabalho pelo qual o corpo – os impulsos instintivos, as sensações, os movimentos etc. – será personalizado e integrado, adquirindo sentido” (LEJARRAGA, 2012, p.103).

Contudo, como destaca Lejarraga (2012), a elaboração imaginativa não se reduz a elaboração corpórea, complexificando-se ao longo do processo de amadurecimento individual.

A elaboração imaginativa vai desenvolver a temporalização, correlacionando experiências passadas e potencialidades futuras, construindo uma história pessoal, e vai desenvolver a organização egoica e o sentimento de si-mesmo, criando um mundo interno e um externo etc. (p.104)

A autora refere Loparic para afirmar que “falar de elaboração imaginativa é falar de psique”. Nas palavras de Lejarraga (2012), “a elaboração imaginativa corresponde às tarefas psíquicas desenvolvidas em diferentes momentos da vida, podendo também incluir, entre elas, as sofisticadas operações intelectuais” (p.104).

A partir disso, é possível compreender que, segundo Winnicott (1988c), os instintos serão providos de sentido para o indivíduo, através da elaboração imaginativa que, por sua vez, organiza-se em fantasias.

Winnicott (1988b) afirma que “existe uma progressão do tipo de instinto ao longo da infância, culminando na dominância da excitação e da fantasia erótica genital (p.58). Nesse sentido, concorda com Freud a respeito de uma progressão nas fantasias: inicialmente pré-genitais, em seguida fálicas e então, genitais.

Na fase pré-genital o autor concorda também que hajam as fases oral e anal, conferindo maior atenção à oralidade. Na fase fálica, Winnicott (1988b) afirma que começa a haver a diferenciação entre o bebê do sexo feminino e masculino. E é na fase genital que o autor acredita que as fantasias tornam-se mais enriquecidas.

As fantasias sexuais geram muita angústia para criança. Sendo assim, o autor, mais uma vez, ressalta a importância de um ambiente suficientemente bom para ajudar a criança a distinguir fantasia de realidade e para que assim, a sexualidade da criança possa se desenvolver de forma plena.

Ainda assim, Winnicott (1988c) afirma que

“a solução para os problemas da ambivalência inerente [ao surgimento da sexualidade infantil] surge através da elaboração imaginativa de todas as funções; sem a fantasia, as expressões de apetite, sexualidade e ódio em sua forma bruta seriam a regra. A fantasia prova, deste modo, ser a característica do humano, a matéria-prima da socialização, e da própria civilização. (p.78)

Lejarraga (2012) destaca ainda que o impulso sexual não deriva de outros elementos, sendo assim, um elemento primário na “montagem do amor”. Lembra que tais impulsos, ou instintos, são elaborados imaginativamente e dessa forma, são inseparáveis da fantasia. Afirma ainda, ser importante lembrar que o impulso sexual é “‘amoroso’ e destrutivo ao mesmo tempo” (p.135), sendo impossível desconsiderar um caráter “transgressivo” na composição do amor.

O segundo elemento presente na “montagem do amor”, a intimidade (2), é possibilitada, segundo Lejarraga (2012), a partir do contato inicial e primitivo entre mãe e bebê. Este primeiro contato íntimo se inicia no momento em que o bebê e a mãe são ainda um único ser. Tal intimidade será fundamental para que ocorra a identificação primária e, a partir daí, possa surgir a experiência de ser do bebê (conceitos abordados no capítulo anterior).

Lejarraga (2012) lembra que tal contato íntimo e primário entre mãe e bebê é chamado por Winnicott de experiência de mutualidade. Segundo a autora, “mutualidade abrange tanto a

comunicação direta inicial entre mãe e bebê, que pode ser descrita como sintonia dos corpos vivos, quanto uma forma de intimidade mais sofisticada, quando se inicia a experiência do brincar” (p.116).

Dessa forma, a intimidade se desenvolve, de forma mais sofisticada, a partir da constância dos cuidados maternos confiáveis e das primeiras experiências de brincadeira compartilhada entre mãe e bebê. Nesse sentido, Lejarraga (2012) afirma: “a capacidade para estabelecer um contato íntimo com o parceiro, depende da confiança introjetada – da experiência de mutualidade mãe-bebê dos primórdios” (p.135).

A autora lembra que a intimidade mãe-bebê, assim como o brincar, despertam um tipo de prazer que não pode ser reduzido ao prazer erógeno. Nesse sentido, Winnicott confere grande atenção aos estados tranquilos nos quais a mãe funciona como mãe-ambiente (assim como visto no capítulo anterior). Segundo Lejarraga (2012), “a psicanálise clássica, privilegiando o estudo das neuroses e da sexualidade infantil, desconsiderou fenômenos que escapavam à lógica da sexualidade: a função mãe-ambiente, a comunicação íntima mãe-bebê, os estados tranquilos do bebê, sua experiência de ser (...)” (p.116). A autora destaca que apesar de Winnicott nunca ter utilizado a expressão “experiência da intimidade”, esta é a expressão que melhor caracteriza tais fenômenos.

Como afirma a autora, “a comunicação íntima é a trama mais importante que deve entretecer mãe e bebê, fonte do sentimento do si-mesmo e condição para que a vida se torne real e significativa” (LEJARRAGA, 2012, p.117). Em relação ao desenvolvimento da sexualidade, por exemplo, a autora afirma que sem que haja intimidade com a mãe, a sexualidade infantil se torna patológica, se reduzindo ao prazer de órgão, sem que haja espaço para a dimensão da alteridade e de subjetivação.

Ainda segundo a autora, “a sexualidade infantil – e também adulta – quando não tem o ingrediente da intimidade, ou do lúdico, empobrece-se ou se degrada” (LEJARRAGA, 2012, p.119). Dessa forma, para que a sexualidade possa ser integrada como uma experiência pessoal, é necessário que ela surja como uma experiência pertencente a área dos fenômenos transicionais, ou, em outras palavras, a sexualidade deve se desenvolver no contexto da intimidade.

Por fim, a autora afirma que, para Winnicott ainda mais essencial do que o desenvolvimento da sexualidade (que, em sua concepção, tem como ponto de partida a intimidade) é o estabelecimento de um sentido para a vida. Tal sentido individual pode ser traduzido como o si-mesmo. Para que o bebê possa dar sentido a uma vida criativa, é fundamental que uma comunicação significativa com a mãe se estabeleça, dando origem à experiência de intimidade (LEJARRAGA, 2012).

Para compreender o terceiro elemento da “montagem do amor” - a afeição (3) -, a autora explica que esta “na sua origem, não é heterogênea à experiência da intimidade e da transicionalidade, já que se desenvolve nesse marco” (LEJARRAGA, 2012, p.136). Contudo, Lejarraga considera a afeição como um elemento único pois, segundo ela, é possível haver afeição e carinho sem que haja intimidade.

Para explicitar o conceito de afeição, inicialmente, Lejarraga (2012) retoma a fase de construção da capacidade para estar só (trabalhada no capítulo anterior), lembrando do paradoxo apontado por Winnicott: para que possa suportar a solidão, a criança necessita antes ter tido suficientes experiências de “estar só” na companhia da mãe. “A pessoa que não conquistou essa capacidade, porque não experienciou a solidão acompanhada, a ‘solidão com’, vive o estar só como ‘solidão sem’, caindo no vazio afetivo ou procurando a interação permanente com outros” (p.122).

Lejarraga (2012) relaciona então, a capacidade para estar só com a capacidade para estabelecer o verdadeiro contato afetivo na vida adulta, tornando o sujeito capaz de viver o “vai e vem do contato e do retorno à solidão compartilhada” (p.122).

Nesse ponto, é importante retomar mais alguns conceitos explicitados no capítulo anterior: durante o processo de construção da capacidade para estar só, está se processando também a integração egóica do bebê. Para que isso se dê, o bebê conta com o apoio do ego desenvolvido da mãe, através de seus cuidados básicos, especialmente nos estados tranquilos. Este período foi caracterizado anteriormente como “relação de objeto”.

Lejarraga (2012) ressalta que “relação de objeto” teria sido, anteriormente, chamada por Winnicott de “relacionamento com o ego”, para destacar “um tipo de contato ou ‘relacionamento’ entre mãe e bebê que não é excitado, que não diz respeito ao id” (p.123). A autora destaca que Winnicott utiliza o termo “id”, neste caso, para se referir aos instintos sexuais

A autora apresenta então duas modalidades de “relacionamento” entre mãe e bebê apresentadas por Winnicott: o gostar e o amar.

Apesar da imprecisão dos termos, entendemos que Winnicott está apontando para dois ‘sentimentos’ que devem ser diferenciados: o sentimento de ‘gostar’, que na expressão em inglês não tem conotação sexual, e pode ser pensada como ‘gostar de estar junto ou próximo, num contato humano não erótico’ ou ‘sentir afeição’, e o sentimento de amar, instintivo, que se refere ao desejo erótico. (LEJARRAGA, 2012, p.124)

Segundo Lejarraga, para Winnicott, o “gostar” é também o substrato da amizade.

Entendemos então, que, assim como para a intimidade, a raiz da afeição é a experiência de mutualidade mãe-bebê, que permite que ocorra a identificação primária, a constituição da experiência de ser e, posteriormente, o estabelecimento da transicionalidade. Nesse sentido, a autora afirma que Winnicott caracteriza os sentimentos do bebê em relação ao objeto transicional como sentimentos afetuosos.

É preciso destacar ainda, que a autora chama atenção para o fato de que, ao classificar a afeição, Winnicott não aponta para uma repressão de impulsos instintivos (como teria feito Freud, ao teorizar sobre a ternura), mas sim para um sentimento que não depende de tais impulsos, que surge como resultado da identificação com sentimento maternos de amor tranquilo (LEJARRAGA, 2012).

O último elemento apresentado pela autora é o concernimento, também desenvolvido, como vimos, a partir da relação primária com a mãe. O concernimento, detalhado no capítulo anterior, surge quando o bebê já é capaz de diferenciar eu de não-eu e, portanto, identifica a mãe como alguém diferente de si.

Ao começar a perceber que tanto seu amor, quanto sua agressividade, são dirigidos ao mesmo objeto, o bebê começa a sentir a ambivalência, acompanhada de grande ansiedade, já que teme que sua agressividade possa destruir seu objeto de amor.

Lejarraga (2012) aponta que, apesar da raiz deste elemento ser o impulso instintivo, que leva o bebê a atacar vorazmente a mãe e, posteriormente, a buscar a reparação, trata-se de um elemento que não pode ser reduzido ao impulso. Isto, pois seu componente indispensável na montagem do amor é justamente a capacidade de estabelecer uma relação de cuidado e responsabilidade pelo outro.

Em outras palavras, apontamos que há uma agressividade própria do ser humano e presente na montagem do amor, contudo, na relação amorosa tal agressividade deve ser reconhecida e controlada, o que só é possível com a capacidade para o concernimento bem estabelecida.

É interessante notar que os quatro elementos apontados pela autora serão desenvolvidos durante o processo de amadurecimento do sujeito, um processo longo, complexo e que pode conter avanços e retrocessos.

Além disso, como mostra Lejarraga (2012), as raízes de tais elementos confluem, sendo possível destacar duas grandes raízes: impulso instintivo (do qual derivam o impulso sexual e o concernimento) e a intimidade (da qual deriva também a afeição). A autora destaca ainda que “essas raízes não residem no bebê, isoladamente, mas na inter-relação do bebê com o ambiente” (p.137).

Relacionando estes elementos que surgem nos primórdios da vida humana, à relação amorosa adulta, a autora afirma que para haver uma relação de amor saudável e enriquecedora é preciso que as diferentes capacidades para amar tenham sido suficientemente bem desenvolvidas nos integrantes do casal.

Finalmente, em relação a construção da capacidade de amar, é interessante observar que suas raízes remontam os primórdios da vida do sujeito e se remetem, em sua constituição, ao amor materno primário. Dessa forma, ao buscar compreender como são vividas as relações amorosas na vida adulta, é fundamental voltar ao início da vida do sujeito, na tentativa de compreender aspectos básicos das relações amorosas de cuidado materno que se estabeleceram então.

Separação

Em “Luto e Melancolia” (1915) Freud já se questionava sobre o que faz com que um fenômeno universal, que é sentir certo nível de dor e sofrimento ao se separar ou perder uma pessoa importante, se torne para alguns, algo insuportável (ou quase insuportável) transformando, a partir disso, toda sua experiência de vida.

Neste momento da construção de sua teoria, Freud (1915) afirmava que o que ocorre na melancolia, ou no luto patológico, é a introjeção do objeto amado perdido em uma parte cindida do ego, como um mecanismo de defesa contra a perda deste objeto. Dessa forma, a perda do outro é sentida pelo sujeito como a perda de uma parte de seu próprio ego.

Já em 1926, em “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud propõe uma nova teoria da angústia, na qual relaciona tal sentimento com o temor em relação à separação ou perda do objeto de amor. Segundo esta teoria, primeiramente o ego, ainda imaturo, passa por uma situação traumática de desamparo que faz com que, no futuro, o sujeito desenvolva uma capacidade de prever a possibilidade de novas situações como essa, desencadeando sinais de perigo.

Observando crianças muito pequenas, Freud (1926) afirmou que angústia (neste texto, traduzida como ‘ansiedade’) “aparece como uma reação à perda sentida do objeto e lembrança-nos de imediato do fato de que também a ansiedade de castração constitui o medo de sermos separados de um objeto altamente valioso, e de que a mais antiga ansiedade – a ‘ansiedade primeva’ do nascimento – ocorre por ocasião de uma separação da mãe” (p.161).

Dessa forma, Freud coloca a angústia de separação em uma posição central no desenvolvimento do sujeito, afirmando, inclusive, que a própria angústia de castração pode ser

interpretada como angústia de separação e já assinalando a importância das experiências iniciais de separação da mãe.

Quinodoz, em seu livro “A solidão domesticada: A angústia de separação em psicanálise” (1993) nos revela a potência que existe quando o sujeito aprende a lidar de forma positiva com sua angústia:

quando domesticada, a angústia de separação se torna fonte da vontade de viver: domesticar a solidão não é suprimir a angústia, mas aprender a encará-la e utilizá-la para colocá-la a serviço da vida. Então, sentir-se só significa tomar consciência de que se é um ser único, que o outro também é único, e a relação que se mantém consigo mesmo e com o outro torna-se infinitamente preciosa. (p.24)

Se pensarmos esta citação a partir da teoria de amadurecimento de Winnicott, brevemente apresentada no capítulo anterior, compreenderemos que para “domesticar a solidão” diversas capacidades devem ter sido conquistadas pelo sujeito que, tendo chegado a um importante nível de amadurecimento emocional, poderá sentir prazer no exercício de sua criatividade. Em outras palavras, podemos relacionar o que Quinodoz chama de “ser único” com o conceito de si mesmo apresentado por Winnicott para entender que Quinodoz se refere a um sujeito que foi capaz de constituir um si mesmo e, partir daí pode estabelecer relações saudáveis com o outro.

Antes de avançar na discussão deste tema, Quinodoz (1993) se dedica a esclarecer o significado de “separar-se” quando estamos nos referindo a angústia de separação. Inicialmente, o autor afirma haver duas acepções para o termo. Na primeira,

a separação se inscreve no contexto de uma relação em que a outra pessoa é percebida como livre para ir e vir, livre para escolher seus relacionamentos ou renunciar a eles, e onde a separação espaço-temporal não significa obrigatoriamente ruptura de vínculos afetivos com o objeto ou perda de amor do objeto, porque o objeto considerado confiável não vai tirar proveito disso para abandonar o sujeito. (p.43)

Segundo o autor, nesta acepção, havendo a perda (ou separação definitiva) o sujeito enfrentará um sofrimento ligado ao luto, contudo tal sofrimento não será sentido como perda do ego.

Na segunda acepção, o

indivíduo dá sinais de angústia que indicam que seu ego se sente ameaçado pela perspectiva do perigo da separação de uma pessoa considera importante, aí é que ‘separa-se’ assume um outro significado completamente diferente: a ausência da pessoa importante reaviva a angústia sentida pelo ego do indivíduo afetado, obrigado a perceber que ele não é esse objeto, que esse objeto é diferente de seu ego e que ele não confia nas intenções do objeto. (QUINODOZ, 1993, p.43)

Neste caso, segundo o autor, o sujeito tem dificuldade de identificar o objeto como “não-eu”, e, dessa forma, perdê-lo significaria sofrer uma perda em seu próprio ego. Assim como apresentado no capítulo anterior, Winnicott nos mostra que ao nascer, o bebê se encontra em um estado de indiferenciação entre eu e outro. Nesse sentido, entendemos que reconhecer o outro como uma pessoa separada representa uma conquista do processo de amadurecimento e que, neste caso, tal conquista pode não ter ocorrido de forma plena.

Quinodoz (1993) afirma que, em busca de sua identidade,

o ego está em constante evolução, fazendo-se e refazendo-se sem cessar. (...) Podemos ainda assim considerar que uma linha de evolução se delineia no interior das relações entre ego e seus objetos, sem entretanto querer dizer com isso que o progresso siga uma curva ascendente contínua, e que é fundamental ter vivenciado determinadas experiências para poder voltar a elas. (p.45).

Nesse sentido, o autor aponta que o processo de separação está intimamente ligado ao processo de diferenciação e que, para que a separação possa ocorrer, é indispensável que o processo de diferenciação tenha se instalado. Além disso, Quinodoz afirma que ambos estes processos estão estreitamente ligados ao trabalho de luto.

Para o autor, aceitar separar-se do outro implica a realização do trabalho de luto em dois níveis: o nível da relação entre duas pessoas, no qual as duas devem aceitar separar-se; e o nível do ego, no qual é preciso renunciar a fusão com o objeto e, neste caso, aceitar diferenciar-se.

Quinodoz (1993) afirma ainda, que o trabalho de luto está ligado a maioria dos processos psíquicos, já que, ao longo de toda sua história, o sujeito precisa realizar uma série de lutos ligados às mudanças e evoluções naturais da vida. O autor cita como exemplo, o luto necessário para a resolução do Complexo de Édipo: “é necessário que primeiramente o indivíduo se diferencie e distinga seu ego do objeto, para que se realize a passagem significativa das identificações narcísicas para as identificações introjetivas, características da resolução do Complexo de Édipo” (p.46).

Ainda nas palavras de Quinodoz (1993), “as etapas que levam à integração da vida psíquica e à descoberta do sentimento de identidade também implicam um trabalho de luto, não apenas em relação ao objeto, mas também em relação às partes do self que permaneceram ligadas ao objeto (...)” (p.47).

Nesse sentido, fica evidente a estreita relação entre o processo de diferenciação entre eu e outro, a capacidade de separar-se e a construção da identidade do sujeito.

Quinodoz (1993) dedica um item de seu livro para apresentar a angústia de separação sob a perspectiva winnicottiana. Segundo o autor, para Winnicott, “a angústia de separação está relacionada às perturbações do desenvolvimento emocional inicial” (p.98).

Winnicott, como afirma Quinodoz, compreende que existem dois níveis de perturbações do desenvolvimento psíquico: o nível primitivo e o nível neurótico. No nível primitivo se apresenta excessiva angústia de separação como sinal de problemas originados na ralação mãe-bebê dos primeiros seis meses de vida da criança.

Como vimos no capítulo anterior, neste período estão sendo iniciados processo fundamentais de amadurecimento que dependem não apenas do sujeito em desenvolvimento mas também do papel fundamental da mãe suficientemente boa.

Em relação ao papel da mãe neste período inicial, Quinodoz (1993) destaca o *holding* como representante do conjunto dos cuidados maternos básicos. Como destacado anteriormente, “os cuidados maternos são indispensáveis para que ele [bebê] possa atravessar as difíceis etapas que vão do narcisismo primário à relação de objeto, isto é, ao reconhecimento da mãe como um objeto separado e diferente” (p.99).

O autor destaca ainda outras tarefas fundamentais neste período, que se relacionam a possibilidade de lidar, na vida adulta, com a separação: a criação, pela mãe, de uma área de “ilusão” na qual o bebê tem a possibilidade de manter sua continuidade e, ao mesmo tempo, criar e encontrar a realidade; a introdução dos fenômenos transicionais; e o desenvolvimento da capacidade de estar só (todos conceitos abordados no capítulo anterior).

Quinodoz (1993) destaca também o que ocorre quando o ambiente não é capaz de fornecer ao bebê tais condições favoráveis a seu desenvolvimento:

quando as condições são desfavoráveis, e a mãe não dá a seu filho um ambiente adequado e não corresponde às suas necessidades, a criança reage com um excesso de angústia. A incapacidade da mãe de se identificar com seu bebê impede-a de perceber o que ele é capaz de tolerar, o que provoca, em consequência, a emergência de defesas rígidas para não perceber as diferenças entre o ego e os objetos. É assim que se forma um ‘falso self’, para suprir as deficiências de cuidados maternos, em lugar do desenvolvimento de um ‘verdadeiro self’. (p.99)

Vimos portanto, que, para Winnicott, assim como a construção da capacidade de amar, a possibilidade de lidar de forma saudável com os sofrimentos ligados a separação ou perda do objeto de amor está intimamente ligada ao processo de amadurecimento que se inicia nos primórdios da vida do bebê e para o qual, a relação mãe-bebê é fundamental.

Neste capítulo vimos como é no processo de amadurecimento emocional, cujos alguns dos conceitos fundamentais foram apresentados no capítulo anterior, que ocorre o desenvolvimento da capacidade de amar e de separar-se.

Nesse sentido, o desenvolvimento de tais capacidades não poderá ocorrer sem a presença do amor materno primário. É interessante observar portanto, que, sem esta primeira forma de relação de amor, o sujeito encontrará grande dificuldade de estabelecer uma relação amorosa na vida adulta, que, inclusive, depende em parte, da possibilidade de separação.

Dessa forma, o processo de amadurecimento emocional, a relação mãe-bebê, a construção da capacidade de amar e da capacidade de separação são temas intimamente relacionados.

Em relação a personagem Piaf, do filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), sabemos que sua vida infantil foi permeada de um ambiente deficitário e podemos supor que a relação fundamental mãe-bebê, apresentou importantes falhas. Tais falhas possivelmente trouxeram consequências ao seu amadurecimento emocional e se relacionam com grande parte do sofrimento trazido por ela na vida adulta, inclusive em suas relações de amor e na forma devastadora como viveu uma de suas perdas.

No próximo capítulo, tais hipóteses serão exploradas.

Piaf – um hino ao amor

As cenas do filme “Piaf – Um hino ao amor” (2007), me despertaram, desde o primeiro momento, reflexões sobre o amor e a separação. A personagem principal do filme, Piaf, lida com a separação desde muito cedo em sua vida e, como refletirei a seguir, tais separações possivelmente se iniciaram antes mesmo que pudessem ser por ela elaboradas.

Apesar de apresentar uma vida muito dura desde cedo, e permeada de excessos e sofrimento, mesmo depois da infância, chama atenção o talento musical e a brilhante artista que Piaf se tornou. Dessa forma, é preciso considerar também sobre as possibilidades que encontrou em seu desenvolvimento para que a saúde pudesse emergir. Nesse sentido, refletirei sobre a força que trouxe consigo, enquanto sujeito ainda em formação, e sobre a potência presente em seu ambiente infantil, tão deficitário.

Por fim, tendo tido diversos relacionamentos amorosos, parto da compreensão de que após a perda de Marcel Cerdan (tido por ela como grande amor de sua vida), Piaf entrara em um processo de sofrimento profundo. Refletirei portanto, sobre a deficiência na construção de algumas de suas principais capacidades psíquicas, como a capacidade de se separar.

Os amores e separações infantis

Para apoiar a primeira reflexão, recordo inicialmente a cena do filme na qual Edith, com cerca de 2 anos de idade, é encontrada pelo pai em uma cama, na casa da avó materna. Sua mãe havia a deixado e a avó tampouco era capaz de cuidar da menina. Seu corpo estava cheio de feridas. Na cena seguinte, o pai leva a menina à avó paterna, que na época trabalhava e morava em um bordel.

Durante a apresentação da neta à avó, Edith não fala, não sorri e não se alimenta. Uma das primeiras frases da avó em relação à menina é chamando atenção para sua falta de saúde. Possivelmente a avó se referia aos sinais físicos de enfermidade de Edith, contudo, podemos hipotetizar a respeito da deficiência emocional na qual se encontrava.

Falei no primeiro capítulo sobre um sujeito, apresentado por Winnicott, que nasce com um potencial ao desenvolvimento inato. Contudo, para que tal potencial se atualize é necessário um ambiente facilitador suficientemente bom. Winnicott nos lembra que, nos primórdios da existência do sujeito, não é possível pensar em saúde se o meio ambiente não é saudável.

Como também exposto, no início da vida do sujeito, o ambiente é representado predominantemente pelos cuidados maternos. Ao estar ausente nos cuidados da filha, a mãe pode deixar marcas em seu corpo (que está em plena formação) e, como vimos, também na constituição de sua personalidade psíquica, tarefa primordial que está em curso durante a primeira infância.

Sabemos que durante esse período, a pessoa que exerce os cuidados maternos, necessita entrar em um estado muito específico de dedicação, no qual se adapta totalmente as necessidades do bebê. Falhas neste processo de adaptação em um momento precoce, podem gerar traumas para a criança.

Lembro que, para Winnicott (1967) “trauma significa quebra de continuidade na existência de um indivíduo. É somente sobre uma continuidade no existir que o sentido do self, de se sentir real, de ser, pode finalmente vir a se estabelecer como uma característica da personalidade do indivíduo” (p.5).

Nesse sentido, se pensarmos no ambiente no qual Edith viveu neste período, é possível supor que a carência ambiental, o abandono físico e emocional trouxeram consequências para seu desenvolvimento.

As condições nas quais Edith foi encontrada na cena anteriormente descrita, bem como o relato de sua mãe, no qual afirma que não seria capaz de cuidá-la, e a própria condição de adoecimento da avó alcoolista e pouquíssimo presente, nos permitem supor a ocorrência de falhas graves no período que antecedeu seu encontro com o pai. Por outro lado, a sobrevivência de Edith, e aquilo que sabemos sobre seu futuro, nos apontam para a existência de um ambiente que supriu exigências mínimas de um sujeito em estado de dependência absoluta.

Nesse sentido, é interessante lembrar que em seu texto “O conceito de indivíduo saudável” (1967), Winnicott realiza uma divisão didática entre dois tipos de pessoas: aquelas que, enquanto bebês não passaram por nenhuma situação verdadeiramente traumática, e aquelas que foram decepcionadas pelo ambiente e que carregarão consigo as marcas destes traumas.

Para o autor, este segundo grupo não estaria necessariamente fadado ao adoecimento mais grave. Em suas palavras,

poderíamos incluir [neste grupo] aqueles que trazem consigo a experiência de ansiedades impensáveis ou arcaicas, e que estão mais ou menos bem defendidos contra recordar-se de tal ansiedade, mas que, não obstante, vão usar qualquer oportunidade que se apresente para adoecer ou ter um colapso a fim de se aproximar daquilo que é terrível – e por isso impensável” (WINNICOTT, 1967, p.15)

Em relação à mãe e à avó materna de Edith, a hipótese levantada portanto, é que as falhas nos cuidados maternos primários, tendo eles sido exercidos por uma ou por outra, deixaram marcas no psiquismo de Edith sem que, contudo, impedissem a emergência um si-mesmo, ainda que com marcas dos traumas relativos ao abandono.

Após o período em que viveu com a mãe e com a avó, é possível supor que houve na vida de Edith a presença de uma nova figura materna: Titine, uma das prostitutas que trabalhava no bordel para o qual a menina foi. Em diversas cenas do filme, fica evidente o afeto e cuidado de Titine em relação a Edith, havendo inclusive, a cena dramática na qual as duas foram separadas, sem haver tempo de despedida. Chama atenção também o fato de que pouco antes de morrer, Piaf lembra, entre outras pessoas queridas, de Titine, mas a figura da mãe e da avó não aparecem.

Apesar de ter dedicado grande atenção à Edith, que antes disso havia sofrido com o desamparo, Titine também trazia suas dificuldades que certamente marcaram a menina. Como ilustrado no filme, a moça possuía enorme sofrimento e, com a chegada de Edith, toda sua atenção e investimento foram a ela dedicados, não havendo um terceiro que lhe separasse da menina.

Uma cena interessante do filme ilustra o estado simbiótico em que as duas, por vezes, se encontravam. Titine, em o que parece uma crise emocional, se tranca em seu quarto com a menina. Se recusa a ir trabalhar e afirma não esperar mais por homem algum (fazendo referência a um de seus clientes). Nesse momento, Titine pintava a boca de Edith, à semelhança da sua.

Podemos supor que Edith havia, finalmente, encontrado uma relação de amor e uma mãe que podia identificar-se com ela, permitindo assim, também sua identificação. Embora tenha sido essa uma relação fundamental na vida da menina, cabe questionar como teria se desenvolvido tal relação, se Edith não tivesse sido retirada de Titine.

Há um conjunto de cenas interessantes no filme, que se passam na época em que Edith vivia com Titine no bordel. A despeito do amor que encontrou neste local, havia também muito sofrimento por parte das moças que lá trabalhavam. Pela pouca idade de Edith, certamente, apesar de conviver com tal sofrimento, ele dificilmente podia ser compreendido e elaborado por ela. Curiosamente, logo após uma cena que retrata um grave abuso vivido por uma das prostitutas, Edith aparece com uma inflamação nos olhos, que a impediam de enxergar.

Por conta desta inflamação, Edith foi considerada cega por algum tempo. Simbolicamente, é interessante pensar que a cegueira a impedia de ver todo o sofrimento que a cercava, deixando, ao mesmo tempo, ainda mais explícita a sua necessidade de ser cuidada.

O filme retrata como acreditou-se, na época, que Edith havia sido curada por um milagre. Desta forma, surgiu sua conexão com a religião. Assim, Edith carregou para sempre um objeto, do

qual jamais conseguiu se separar: uma cruz que levava no pescoço. A cruz lhe acalmava e dava segurança em momentos importantes de sua vida, como ao entrar no palco para estrear grandes espetáculos.

O uso deste objeto na vida adulta, como um talismã que lhe confortava e acalmava, lembra a descrição de Winnicott a respeito dos objetos transicionais que não são descateixizados na infância. Apesar de Edith ter iniciado sua relação com Titine apenas aos dois anos de idade (período no qual, quando consideramos um desenvolvimento saudável, já deveria ter passado pela transicionalidade) podemos hipotetizar que, em seu caso, a carência emocional que havia vivido até então, prolongou seu processo de desenvolvimento.

Nesse sentido, o uso de tal objeto, indica uma dificuldade gerada no período de estabelecimento da transicionalidade e referente também a separação desta figura materna.

Como vimos, a transicionalidade é um momento fundamental no desenvolvimento psíquico, no qual o sujeito está estabelecendo a forma com a qual se relacionará com o mundo real. Winnicott chega a relacionar, brevemente, o tema da transicionalidade ao sentimento religioso, ao fetichismo, a perda do sentimento afetivo, ao vício em drogas etc. (WINICOTT, 1951).

Cabe refletir então, se o uso abusivo de álcool e, posteriormente, de morfina, como forma de lidar com o mundo e com seu sofrimento, não estariam relacionados justamente a falhas neste período da infância de Piaf.

Levantei portanto algumas hipóteses a respeito do déficit ambiental que caracterizou grande parte da infância de Edith Piaf. Seguirei minha análise refletindo sobre a brilhante artista que ela se tornou.

A potência da artista

Antes de mais nada, é interessante refletir sobre a forma com a qual a música se tornou importante na vida de Piaf. Para isso, é preciso retornar às cenas iniciais do filme. Na infância de Edith, a única cena que mostra a menina com sua mãe, é justamente a que retrata um momento no qual a mãe cantava pelas ruas da cidade.

Além disso, há algumas cenas importantes nas quais a menina se diverte com Titine, enquanto a mesma canta para ela. De alguma forma, podemos então pensar que a música conectava Edith a estas duas figuras maternas de sua infância.

Além disso, é interessante notar como algumas das principais pessoas com quem Edith se relacionou durante a vida, estão ligadas, de alguma forma, à música. O filme retrata a conturbada história de sua amizade com Simone. Simone surge na vida de Edith quando ela deixa o pai para cantar sozinha nas ruas. Dessa forma, esta amiga, que a acompanhará por grande parte da vida, é inicialmente uma parceira na música. Apesar de não saber cantar, Simone acompanhava Edith em suas apresentações nas ruas, ajudando a cantora a recolher o dinheiro que os ouvintes lhe davam.

Dessa forma, a música foi ganhando importância na vida de Piaf. Seu talento musical começou a chamar atenção desde sua adolescência. Aos poucos, ela começou a construir sua carreira, com a ajuda de pessoas que encontrou nos mais diversos ambientes pelos quais percorreu. Foi o caso de Leplée, o primeiro homem a reconhecer seu talento, tendo papel fundamental em sua carreira.

Leplée deixou a marca de ter batizado Edith como “Piaf”, nome que a acompanhou até o resto da vida. Além disso, lhe introduziu ao mundo da música fora das ruas, e se empenhou a apresentar as regras deste mundo, dizendo como ela devia se vestir e se portar. Além disso, possibilitou que Edith conhecesse importantes figuras do cenário musical.

Como demonstração do afeto construído por Leplée, Edith lhe chamava de “papai”, reconhecendo-o possivelmente, como figura de autoridade e respeito que dificilmente reconheceria em seu pai. Dessa forma, curiosamente, o homem que a batizou e que lhe primeiro apresentou as regras do mundo da música (para o qual Edith dedicou sua vida), foi escolhido por ela como seu “papai”.

Desde cedo na carreira de Piaf, o filme ilustra sua personalidade forte, a intensidade com a qual vivia seus sentimentos (de alegria e tristeza) e seus excessos: o abuso da vida noturna, que muito lhe encantava, sempre regada de muito álcool. Apesar de tudo, Piaf se tornou uma das mais famosas cantoras de seu país e seu talento foi reconhecido mundialmente. Cabe refletir portanto, como uma infância tão deficitária, chegando, como supus anteriormente, a deixar marcas traumáticas em sua personalidade, permitiu que emergisse uma artista tão brilhante.

Após realizar a divisão didática, anteriormente citada, entre as pessoas que na infância não sofreram traumas e aquelas que carregam suas marcas, Winnicot afirma, em relação ao segundo grupo, que o colapso do adoecimento pode nunca haver, caso não haja fatores ambientais que levem a isso.

O autor destaca ainda:

Temos que levar em conta o fato de que nesse grupo há pessoas cujo desconforto e cuja ansiedade os impelem a realizações excepcionais. Pode ser que o convívio

com elas se revele muito difícil, mas elas impulsionam o mundo em alguma área da ciência, da arte, da filosofia, da religião ou da política. Não sou obrigado a responder, mas tenho que estar preparado para esta pergunta: e os gênios? (WINNICOTT, 1967, p.16)

A descrição feita por Winnicott parece caber perfeitamente para a personagem Piaf. Em sua tumultuada vida, fica evidente o grande desconforto e a ansiedade que traz consigo e que, como supomos anteriormente, deva ter origem em sua infância tão conturbada. O filme ilustra também, cenas nas quais a personalidade irreduzível da artista se mostra um desafio para aqueles que tentam ajuda-la na construção de sua carreira – de fato, como cita Winnicott, o convívio com Piaf se revelava muito difícil.

Contudo, muitos daqueles que com ela conviveram não tinham dúvidas a respeito de sua genialidade, e sua arte certamente marcou o tempo em que viveu. É interessante lembrar, por exemplo, que ao escolher seu repertório, Piaf fazia questão que as músicas lhe tocassem a alma. Sua interpretação, sem dúvida também, era repleta das emoções que trazia consigo. Nesse sentido, podemos pensar, assim como mostrou Winnicott, que seu sofrimento a impelia a realizações excepcionais.

O viver criativo era apontado por Winnicott como critério para a saúde e, dessa forma, podemos entender que a saúde conviva com o sofrimento na vida de Piaf. A arte, possivelmente, lhe mantia viva.

Depois da perda de seu grande amor, diversas cenas do filme ilustram o desejo de Piaf por continuar trabalhando, já muito doente e a despeito das indicações de seu médico e amigos mais próximos. Podemos supor, que ela sentia a importância de sua arte para a manutenção de sua saúde, mesmo que, paradoxalmente, as recomendações médicas afirmassem que aquilo a destruiria.

Dessa forma, é interessante refletir que, mesmo no ambiente aparentemente mais deficitário, o encontro de algum estímulo ambiental que esteja presente, com a força trazida pelo sujeito no sentido do desenvolvimento, pode ser suficiente para que a saúde prevaleça (mesmo que seja envolta também, por importantes sofrimentos).

É difícil identificar contudo, quais foram estas condições ambientais que encontraram a força do desenvolvimento de Edith em sua infância. Teria sido possível alguma identificação com a mãe e o pai, ambos artistas? Haveria de fato o amor de Titine sido a condição necessária para que se construísse uma vida que valesse a pena ser vivida? Certamente existem ainda outras possibilidades, não tão evidentes aos olhos dos expectadores.

Amor e separação na vida adulta

O filme retrata, de forma fragmentada, diversos dos relacionamentos amorosos que Piaf estabeleceu em sua vida. O primeiro parceiro de Piaf que aparece no filme, é Doug, um americano passivo às ordens da cantora. Doug entra na vida de Piaf quando esta já era uma famosa cantora reconhecida internacionalmente. Em oposição à Doug, outro relacionamento importante de Piaf, quando a mesma estava ainda no início de sua carreira, se tratava de um relacionamento abusivo, no qual Piaf era obrigada a entregar ao parceiro todo o dinheiro que conseguia cantando nas ruas.

No filme é retratado também seu último relacionamento, já depois da morte de Cerdan. Este, foi com um homem cuidadoso, que esforçava-se para livrar Piaf de seus abusos e vícios, acompanhando a artista ao médico na tentativa de cuidar de sua saúde, mesmo contra sua vontade.

Há ainda o relacionamento com Asso, que fora como um empresário para Piaf, logo após a morte de Leplée. Neste relacionamento, Asso assumia o papel de um severo professor, que esforçava-se em eliminar o comportamento inadequado de Piaf.

Apesar de todos os relacionamentos citados terem sido muito brevemente apresentados no filme, é possível supor que nenhum deles tenha tido a importância que teve Cerdan na vida de Piaf. Além disso, cada um a sua maneira, não pareciam tratar-se de relacionamentos maduros, no sentido apontado anteriormente por Lejarraga, ou seja, relacionamentos que contemplassem sexualidade, afeição, intimidade e concernimento.

Em seu livro, Lejarraga (2012) aponta para dois tipos de relacionamento entre mãe e bebê, descritos por Winnicott, entre outras formas, como relacionamentos tranquilos e relacionamentos excitados. Vimos que estas duas formas de relacionamento não estão sempre separadas, pelo contrário, na saúde devem caminhar juntas. Contudo, para compreender os conceitos, pode-se dizer que, em um extremo, ou seja, nos estados excitados, a relação se baseia no instinto sexual e no outro extremo, ou seja, nos estados tranquilos, a base da relação é a intimidade originada no estado primário de fusão mãe-bebê.

Podemos supor, a partir das breves cenas contidas no filme, que estes relacionamentos vividos por Edith estavam, na maior parte do tempo, muito mais próximos ao extremo dos estados excitados, ou seja, eram carentes justamente no que diz respeito à intimidade e afeição.

É interessante notar também, como cada um desses relacionamentos vividos por Piaf era condizente com o momento de sua vida: durante a fase em que vivia contando pela rua, ainda muito imatura, se relacionou com um homem abusivo, que lhe explorava e lhe tirava o dinheiro; enquanto se formava como cantora, se relacionou com seu próprio “professor”; já famosa e consciente de seu

talento e poder, se relacionou com um homem que aceitava suas ordens e caprichos; no fim da vida, já bastante doente, seu parceiro se empenhava em tentar cuidar de sua saúde.

É interessante agora, refletir sobre o relacionamento de Piaf com Cerdan. Já reconhecida no cenário musical internacional, Piaf conhece o lutador Marcel Cerdan. Na cena que ilustra o primeiro encontro do casal, é possível encontrar pistas dos motivos pelos quais nesta relação pode ter havido um forte sentimento de identificação de Piaf com Cerdan. Além de os dois serem franceses e estarem sozinhos em Nova York, ambos possuíam carreiras que lhes tornavam famosos ao público. Como relatado no primeiro capítulo deste trabalho, Piaf reconhecia no parceiro alguém que, como ela, havia conseguido, com o próprio esforço, se tornar conhecido pelo seu talento.

Após o primeiro encontro com Cerdan, outra cena do filme ilustra a cantora relatando à amiga Simone sobre seu encantamento pelo lutador, lhe dizendo desde já que este seria o homem de sua vida. As cenas que seguem, ilustram a alegria sentida por Piaf por estar junto a Cerdan e seu sentimento de tristeza e abandono sempre que os dois precisam se afastar. Tudo indica que, de fato, se construiu uma intensa relação de amor.

Lejarraga (2012) aponta que este tipo de relação tende a reproduzir, em uma espécie de regressão, a experiência infantil de fusão mãe-bebê. Nesse sentido, afirma que “as formas em que os apaixonados vão viver a experiência íntima de encontro amoroso depende, em grande parte, de suas experiências infantis de intimidade” (p.144).

A autora chama atenção que tal regressão pode ser considerada como saudável caso seja breve, “permitindo sensações de onipotência e plenitude do estado fusional inicial” (LEJARRAGA, 2012, p.145). Contudo, “a regressão no apaixonamento patológico leva o apaixonado a se tornar um bebê dependente e vulnerável (...)” (p.145).

Lejarraga (2012) aponta uma importante diferença entre o enamoramento saudável e aquele que seria considerado como patológico: na saúde o prazer reside no desejo de conhecer o outro diferente, enquanto na patologia cria-se “uma aspiração a “ser um” com o outro, abolindo as diferenças” (p.145).

Apenas a partir dos elementos apresentados no filme é difícil afirmar com segurança a forma com a qual Piaf vivia sua relação de amor com Cerdan. Contudo, é interessante observar algumas das frases que a personagem escrevia nas cartas que enviava ao amante: afirmava, por exemplo, que a partida de seu amor levava junto seu próprio coração; dizia que Cerdan era sua razão de viver; afirmava que nada no mundo contava mais que Cerdan; e chegou a dizer que caso o perdesse, morreria junto.

Tais afirmações apontam para um estado de dependência e vulnerabilidade que também fica evidente quando ocorre a perda real de seu amor.

Uma das cenas mais fortes do filme, ilustra o desespero de Piaf ao receber a notícia da morte de Cerdan. Como ela mesma afirma, em uma cena posterior, esta perda a levou a viciar-se no uso de morfina, com o objetivo de calar as dores de seu corpo. Além disso, nos muitos relatos expostos no primeiro capítulo deste trabalho, a respeito do período que seguiu a morte de Cerdan, fica evidente a transformação de Piaf, que chegou a dizer preferir a morte à vida sem seu amor.

Levanto portanto, a hipótese de que Piaf viveu esta perda como uma perda de seu próprio ego, revelando a fragilidade de suas capacidades psíquicas. Como vimos, para ser possível passar pelo sofrimento de um luto, é necessário que capacidades desenvolvidas desde a primeira infância estejam muito bem estabelecidas.

Relacionei anteriormente o processo de amadurecimento emocional, a relação mãe-bebê, a construção da capacidade de amar e da capacidade de separação. A partir daí é possível compreender como tais capacidades dependem do processo de amadurecimento que, por sua vez, ocorre no seio da relação mãe-bebê.

Dessa forma, mais uma vez, relaciono o sofrimento vivido por Piaf na vida adulta ao abandono e desamparo dos primórdios de sua vida. Ou seja, suponho que as fragilidades apresentadas em sua primeira relação de amor (amor da(s) mãe(s) para a filha) tenham dificultado o estabelecimento de relações amorosas na vida adulta e, da mesma forma, dificultado a possibilidade de viver a perda amorosa.

Por fim, é interessante realizar um último questionamento. Sabemos que em sua vida adulta, Piaf passou por inúmeras perdas e separações (viu seu primeiro mestre, Leplée, que chegou a chamar de “papai” ser assassinado, foi diversas vezes separada de sua melhor amiga, Simone, viveu a morte de sua filha, entre tantas outras perdas). Ainda assim, a perda que lhe pareceu mais dura, e a que lhe levou a este “colapso”, foi a de Cerdan. Qual teria sido o motivo de viver tão intensamente, justamente esta perda? Porque justamente neste momento houve o que pareceu, uma perda de sentido para sua vida?

Como expectadora, levantei algumas hipóteses sobre o sofrimento de Edith Piaf, personagem do filme. Sabemos, contudo, que a complexidade das experiências por ela vividas, jamais poderia ser transmitida em um único filme, bem como captada por uma expectadora tão distante.

Conclusão

Este trabalho tinha como objetivo compreender como o modo de viver a separação amorosa está relacionado à história de vida no caso de Edith Piaf, personagem do filme “Piaf – um hino ao amor” (2007).

Um importante desafio encontrado neste trabalho, foi me manter fiel ao recorte proposto em relação ao filme, já que, por ser uma obra que resume a biografia de uma personagem, traz inúmeros elementos que poderiam despertar o interesse de um pesquisador psicanalista.

Nesse sentido, ainda que o tema deste trabalho fosse o amor e a separação, e especialmente a principal perda amorosa da personagem Piaf, outros aspectos de sua vida (como sua obra artística, outras relações afetivas que a personagem desenvolveu, seus vícios e excessos e sua relação com a religião) foram brevemente mencionados, por relacionarem-se aos temas centrais. Acredito contudo, que tais aspectos poderiam, em futuros trabalhos, ser mais profundamente analisados.

Investiguei neste trabalho como as separações vividas por esta personagem na infância podem ser relacionadas com sua trajetória de vida, considerando tanto a brilhante carreira por ela construída, quanto as dificuldades enfrentadas e, especialmente, o modo como viveu a perda de seu grande amor.

Durante este trabalho, foi possível relacionar conceitos centrais da teoria winnicottiana para compreender o processo de amadurecimento do sujeito, desde seu nascimento. Como visto, é neste processo que se constitui a personalidade psíquica do indivíduo e, por este motivo, a partir de sua compreensão, é possível refletir sobre as origens do sofrimento de cada sujeito.

Mostrei, a partir de Winnicott, que o amadurecimento emocional é intimamente relacionado com a primeira relação do sujeito com um outro, ou seja, a relação de amor mãe-bebê. Nesse sentido, para amadurecer, se tornando um ser único no mundo, é preciso haver alguém que ame e que se dedique ao processo de construção deste ser.

Se tornar um ser único é um processo longo, contínuo e complexo, que contém, como nos apresenta Winnicott, idas e vindas. Ao primeiro olhar, chama atenção a dependência absoluta na qual se encontra o sujeito, que antes de mais nada, necessita de um ambiente suficientemente bom para sua sobrevivência. Contudo, não se pode esquecer da potência ao desenvolvimento que o sujeito traz consigo e portanto, das consequentes possibilidades de sobreviver a partir, em muitos casos, da mínima condição ambiental disponível.

Com o objetivo de estudar a separação amorosa, parti do conceito de amor apresentado por Winnicott. Como visto, o autor compreende o amor como um elemento composto por diversos

componentes, onde o impulso sexual é importante, mas não é entendido como componente único. Há ainda que se considerar a intimidade e a afeição, construídas na mutualidade da relação mãe bebê e caracterizadas por uma forma de prazer distinta da sexual. Destaca-se também, a importância do concernimento, ou seja, do reconhecimento do outro como diferente de si, e da importância de responsabilizar-se pelo outro.

Para Winnicott, o amor também se constrói no processo de amadurecimento e, portanto, é compreendido como mais uma capacidade psíquica do sujeito. Vimos que a capacidade de separar-se também se relaciona com o amor, sendo inclusive fundamental para que ele possa existir de forma saudável. Sua construção, como não poderia deixar de ser, se dá também, desde muito cedo na vida do sujeito.

A partir destes conceitos, foi possível levantar hipóteses para compreensão da história de Edith Piaf, apresentada pelo filme anteriormente mencionado. No filme, a personagem principal entra em um estado de sofrimento profundo, após a perda de seu grande amor.

Como visto, uma forma de compreender tal sofrimento, remonta a infância da personagem e as falhas nas relações de amor primário que foram fragilmente estabelecidas. Hipotetizei a respeito de um ambiente infantil deficitário que teria deixado marcas profundas na personalidade de Piaf, sem tê-la impedido de crescer e se tornar uma brilhante artista.

Apesar de seu desenvolvimento ter prevalecido, nota-se que muitas de suas capacidades psíquicas foram prejudicadas, o que teria levado a um colapso frente a perda amorosa.

Concluo que, assim como nos mostrou Winnicott, o amor na vida adulta não pode ser compreendido separadamente ao amor materno, condição básica para o surgimento do sujeito. É apenas a partir de suficientes experiências de amor, confiança, destruição, reparação e separação (entre tantas outras) na vida infantil, que se ampliam as possibilidades de viver, de maneira saudável, tais experiências na vida adulta.

Chamo atenção ainda, para o fato de que cada sujeito é único e, a partir disso, a forma como elabora e lida com suas experiências é surpreendentemente única. Dessa forma, a teoria psicanalítica nos auxilia ao apresentar características e necessidades humanas básicas - como, por exemplo, a dependência absoluta que caracteriza os primórdios da vida do sujeito e a consequente necessidade pelo amor materno. Contudo, é apenas o olhar atento e individual sobre a experiência do sujeito que nos permitirá aproximar de uma compreensão sobre seu sofrimento e, se possível, em um ambiente apropriado, ter a oportunidade de auxiliá-lo em um processo de elaboração.

Referências

BRUKE, C. **Piaf: Uma vida**. Tradução de Cecília Giannetti. São Paulo: Leya, 2011.

DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 3. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

GOLDMAN, A.; DAHAN, O. **Piaf – Um Hino ao Amor**. [Filme-DVD]. Produção de Alain Goldman, direção de Oliver Dahan, França, Légende Entreprises, 2007, 2h20min.

COCTEAU, J. Prefácio. In: PIAF, E. **Piaf – No baile do acaso**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins, 2007.

FREUD, S (1915). **Luto e Melancolia**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. RJ: Ed. Imago, 1976.

FREUD, S (1926 [1925]). **Inibições, Sintomas e Ansiedade**. Trad. Sob a direção de Jayme Salomão. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XX. RJ: Ed. Imago, 1976.

LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

MASSON, J. M (Ed). **A Correspondência Completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887 – 1904**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

NAFFAH NETO, A. Apresentação. In: LEJARRAGA, A. L. **O amor em Winnicott**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PIAF, E. **Piaf – No baile do acaso**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins, 2007.

REZENDE, Antonio Muniz de. A investigação em Psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In: **Investigação e Psicanálise**. Campinas, Papirus: 1993.

ROBINE, M. Apresentação. In: PIAF, E. **Piaf – No baile do acaso**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Martins, 2007.

QUINODOZ, J.-M. **A solidão domesticada: A angústia de separação em psicanálise**. Trad. F. F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

VIOLANTE, Maria Lucia. Pesquisa em psicanálise. In: **Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise**. São Paulo, Casa do Psicólogo: EDUC, 2000.

WINNICOTT, D. W. (1949) O bebê como organização em marcha. In: **A criança e o seu mundo**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WINNICOTT, D. W. (1950) A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional. In: **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Tradução Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WINNICOTT, D. W. (1951) Objetos Transicionais e fenômenos transicionais. In: **O Brincar e a Realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1958a) O primeiro ano de vida. Concepções modernas do desenvolvimento emocional. In: **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 4 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. (1958b) A capacidade para estar só. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1960a) O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: **A família e o desenvolvimento individual**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 4 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. (1960b) Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1963) O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WINNICOTT, D. W. (1964) As raízes da agressividade. In: **A criança e o seu mundo**. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

WINNICOTT, D. W. (1966) A mãe dedicada comum. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 edição. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. (1967) O conceito de indivíduo saudável. In: **Tudo começa em casa**. Tradução: Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. (1968) A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2 edição. São Paulo: Martin Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. (1969) O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: **O Brincar e a Realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1971a) A criatividade e suas origens. In: **O Brincar e a Realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1971b) O lugar em que vivemos. In: **O Brincar e a Realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1971c) O brincar: uma exposição teórica. In: **O Brincar e a Realidade**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.

WINNICOTT, D. W. (1988a) Estabelecimento da relação com a realidade externa. In: **Natureza Humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

WINNICOTT, D. W. (1988b) Relacionamentos Interpessoais. In: **Natureza Humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

WINNICOTT, D. W. (1988c) O conceito de saúde a partir da teoria dos instintos. In: **Natureza Humana**. Tradução de Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.